



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

EDVALDO SOUSA DO Ó – CAMPUS I

CENTRO DE EDUCAÇÃO

CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

MONYKE DO NASCIMENTO CRISPINIANO

**OS DISCURSOS EM TORNO DA MULHER NEGRA: IDENTIDADE, CORPO E
BELEZA**

CAMPINA GRANDE

2016

MONYKE DO NASCIMENTO CRISPINIANO

**OS DISCURSOS EM TORNO DA MULHER NEGRA: IDENTIDADE, CORPO E
BELEZA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Estadual da Paraíba como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em História.

Orientadora: Prof. Dra. Patrícia Cristina de Aragão Araújo

CAMPINA GRANDE - PB

2016

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

C932d Crispiniano, Monyke do Nascimento
Os discursos em torno da mulher negra [manuscrito] :
identidade, corpo e beleza / Monyke do Nascimento Crispiniano. -
2016.
61 p. : il. color.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2016.
"Orientação: Profa. Dra. Patrícia Cristina de Aragão Araujo,
Departamento de História".

1. Historiografia 2. Mulher - Identidade 3. Movimento
negro 4. Movimento feminista 5. Mulher negra I. Título.

21. ed. CDD 907.2

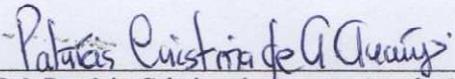
MONYKE DO NASCIMENTO CRISPINIANO

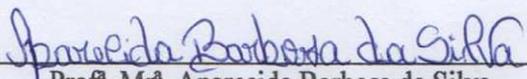
**OS DISCURSOS EM TORNO DA MULHER NEGRA: IDENTIDADE, CORPO E
BELEZA**

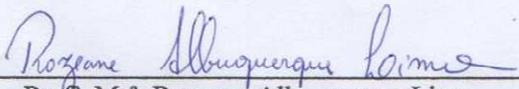
Trabalho de Conclusão de Curso em forma de monografia apresentado ao Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciando (a) em História.

Aprovada em: 21/10/2016.

BANCA EXAMINADORA


Prof^a Dr^a. Patrícia Cristina de Aragão Araujo (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof^a. M^{rs}. Aparecida Barbosa da Silva
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof^a. M^{rs}. Rozeane Albuquerque Lima
Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco
(PPGH/UFPE)

Aqueles que estão iniciando as leituras em torno das questões de gênero e racial; Aqueles que já possuem experiências e leituras em torno das temáticas; Aqueles que a partir das discussões das fontes se viram no corpo textual; Aqueles que não acreditaram na realização deste trabalho.

Dedico.

AGRADECIMENTOS

Ao meu pai Antônio Maurício Crispiniano Filho, minha mãe Mônica do Nascimento Crispiniano, por não medirem esforços enquanto minha vida escolar, vocês são uma das maiores razões para esse sonho está sendo concluído, e a meu irmão Hernandes do Nascimento Crispiniano, a você quero te ver em muitas realizações profissionais.

Aos meus primos, aos amigos formados na graduação e a amiga de infância Júlia (Flor) uma amizade que soube superar as adversidades que a vida nos proporcionou.

Aos professores do curso de História da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), por todo aprendizado e experiências adquiridas que contribuíram para construção da minha identidade ao longo da Graduação.

A professora Dra. Maria Lindaci Gomes de Souza, pelas idas ao Quilombo de Caiana dos Crioulos que, através das experiências adquiridas no Programa de Iniciação Científica – (PIBIC), fez despertar o interesse pela temática étnico-racial sob meus escritos e pela amizade construída para além dos assuntos acadêmicos.

Ao professor Ms. Rodrigo Henrique Costa, sempre disposto a ajudar seus antigos e atuais alunos, por me ensinar a postura que devemos adotar frente às adversidades da vida acadêmica; pelas dicas de leituras e pelos puxões de orelha. Muito obrigada.

A Dona Socorro antiga secretária da coordenação do curso de História e a Flaviano, ambos sempre me recepcionavam com um sorriso no rosto, conversas maravilhosas e cafés cedidos nas manhãs da Cia.

A minha turma 2012.2 (turma do bolo e das comemorações) que em torno desses quatro anos trouxeram um significado imprescindível na minha vida. Um aprendizado e uma maturidade ganhos enquanto sujeitos que por trocas de experiências soubemos compartilhar tristezas e felicidades nesse árduo caminho chamado: Graduação. Vocês fazem parte da realização de um dos meus sonhos.

A minha amiga Maria Helena Tuane Queiroz (Panda) que se tornou presente na minha vida pessoal e acadêmica desde o primeiro período. Uma amizade que começou de um modo diferenciado. Soubemos compartilhar, degustar e superar o que a vida nos proporcionou ao longo desses anos. Entre gargalhadas, lágrimas, brigas, apostas, leituras, gostos e sonhos bastante parecidos, você se tornou uma parte de mim.

Ao meu grande amigo Carlos Arthur da Silva Santos (Amargo) que ao longo da Graduação se tornou presente em todos os momentos da minha vida, que nos meus momentos de escrita e nas madrugadas em ‘claro’ nas correções de nossos trabalhos, me deu suporte com músicas que fizeram com que a escrita se tornasse fluida. Obrigada pelas conversas e risadas, pelas brigas e puxões de orelha, pela paciência (de ambas as partes) e sobretudo, pelas trocas de conhecimentos.

A minha amiga Juliana Nascimento de Almeida (Ju) que me incentivou a cada capítulo deste trabalho. Uma amizade que soube superar brigas, compartilhar momentos que ultrapassam os muros acadêmicos e por existir um processo constante de leituras e releituras entre nós.

Ao meu querido e antigo Grupo Aplicação – PIBID ano de 2015, um ano de crescimento enquanto graduanda. Através do projeto, pudemos trazer a criatividade do individual ao coletivo para realizações de todas as atividades e, também o conhecimento enquanto sujeitos fora da vida acadêmica. Sívylla, Biágio, Jailson e Liliane, vocês foram e são incríveis.

A Mayara Marçal, minha antiga companheira de PIBIC, pela hospedagem na sua e na casa de familiares na ida à (UFRN), por me ensinar o funcionamento do projeto e pelo carinho em nossa amizade.

A professora Dra. Patrícia Cristina de Aragão Araújo que com sorrisos aceitou se tornar orientadora deste trabalho por questões burocráticas da universidade; competente e sempre disposta a ajudar nós alunos. Muito obrigada pelas dicas de leituras.

A professora Mra. Aparecida Barbosa da Silva por aceitar avaliar este trabalho se tornando parte da Banca Examinadora. Obrigada.

E por fim ...

A professora Ms. Rozeane Albuquerque Lima (Rose) orientadora deste trabalho desde quando as fontes não estavam definidas, sendo apenas uma simples ideia de uma produção de monografia. Obrigada por abrir os horizontes quanto à estrutura deste trabalho; por abrir as portas da sua casa para reuniões de TCC e do lindo quintal; pelas experiências adquiridas na UAMA; pelos eventos e congressos ocorridos; por toda paciência e puxões de orelha no

decorrer dos meses de escrita; pelo carinho e alegria transmitida e, por acreditar que a realização deste trabalho seria possível. Muito obrigada.

“A identidade torna-se uma “celebração móvel” [...]”.

(HALL, 2014)

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo entender como foi sendo construído a Identidade da Mulher Negra. Para compreender esse processo de construção, foi necessário tecer uma breve abordagem do Movimento Negro e Feminista no cenário do Maio de 1968 e posteriormente, sua eclosão no cenário brasileiro a partir da década de 70 da segunda metade do século XX, abordando os espaços que as mulheres negras obtiveram sob o cenário da Globalização e a promulgação da Constituição Brasileira na década de 1980. Em seguida, por meio de diversas fontes trabalharemos dialogando com as questões de gênero e racial: a Mulher Negra. Optamos tecer uma breve análise da construção de uma das organizações criadas pelas mulheres negras no final da década de 1980: Portal Geledés/SP. Selecionamos publicações referentes aos anos de 2013, 2014 e 2015. Fizemos uso de revistas, música e poema para compreender os discursos que foram e são construídos em torno da mulher negra, trabalhando com corporeidade e beleza feminina.

Palavras-Chave: Identidade, Mulher negra, Corpo e beleza.

ABSTRACT

The Present Work aims to understand how Black Women's identity was constructed. To understand this process of construction, a brief approach of the Black Movement and Feminist thought from May 1968 and subsequently the 1968 Brazilian Scenario from the 70's of the Second Half of the Twentieth Century, covering OS Spaces that Black Women obtained under Globalization scenario and the promulgation of the Brazilian Constitution in 1988. Decade followed by several sources we work dialoguing with the gender and race: the Black Women. We chose to weave a brief analysis of a construction of the Black Organizations for Black Women not definitive of 1988 DECADE: Portal Geledés / SP. Selected publications relating to 2013, 2014 and 2015. We use magazines, music and poem to understand the speeches that were and are built around the Black woman working with corporeality and female beauty.

Keywords: Identity, Black Women, Body and beauty.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 Formulação da boneca Barbie.	39
Figura 2 Revista Claudia Nº 2 Ano 1 Novembro De 1961.....	40
Figura 3 Revista Claudia Nº 12 Ano 54 Dezembro De 2015	42
Figura 4 Capa da 'Playboy' de janeiro de 1979	49
Figura 5 Lupita Nyong'o – Lancôme – L'Absolu Rouge @ Divulgação	51
Figura 6 Entrevista ao Jornal Correio	54
Figura 7 Andrea Velame nº 19. Salvador, Bahia. Brasil	55
Figura 8 Andrea Velame nº 19. Salvador, Bahia. Brasil.	57

LISTA DE TABELAS

Quadro I - Estrutura do Geledés- Instituto da Mulher Negra/SP.....	29-30
--	-------

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AI-5 – ATO INSTITUCIONAL NÚMERO 5

MNU – MOVIMENTO NEGRO UNIFICADO

FNB – FRENTE NEGRA BRASILEIRA

UHC – UNIÃO DOS HOMENS DE COR

TEM – TEATRO EXPERIMENTAL DO NEGRO

Art. - ARTIGO

FHC – FERNANDO HENRIQUE CARDOSO

LULA – LUÍS INÁCIO LULA DA SILVA

GTI – GRUPO DE TRABALHO INTERMINISTERIAL DE VALORIZAÇÃO DA POPULAÇÃO NEGRA

I PNDH – I PROGRAMA NACIONAL DE DIREITOS HUMANOS

PNPIR – POLÍTICA NACIONAL DE PROMOÇÃO DA IGUALDADE RACIAL

SEPPIR – SECRETARIA DE POLÍTICAS DE PROMOÇÃO DA IGUALDADE RACIAL

USP- UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

UNILAB- UNIVERSIDADE DE INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA

UCSAL - UNIVERSIDADE CATÓLICA DO SALVADOR

CONEN- COORDENAÇÃO NACIONAL DE ENTIDADES NEGRAS

LISTA DE SÍMBOLO

§ - INCISO.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
2 CAPÍTULO I MOVIMENTOS SOCIAIS UM BREVE HISTÓRICO: BOCA NO TRAMBONE!	18
2.1 Movimento Negro	18
2.2 Movimento Feminista.....	21
2.3 O Movimento Feminista Negro.....	22
2.4 Globalização.....	24
2.5 Constituição de 1988.....	24
2.6 A questão racial no debate político (FHC e Lula).....	25
3 CAPÍTULO II - DEIXE O MEU “FUA” EM PAZ!	28
3.1 Sueli Carneiro.....	31
3.2 Lino Gomes.....	33
3.3 Luana Soares.....	37
3.4 Reformando a boneca <i>Barbie</i>	39
3.5 Revistas <i>Claudia</i> - 1961 e 2015.....	40
3.6 Poema.....	43
“Me gritaram negra” - Victoria Eugenia Santa Cruz Gamarra.....	44
4 CAPÍTULO III - IDENTIDADE, CORPO E BELEZA	46
4.1 A construção da identidade da mulher negra	47
4.2 Atributos africanos na representação de uma consciência individual	54
5 CONCLUSÃO.....	58
REFERÊNCIA.....	59

1 INTRODUÇÃO

A trajetória da mulher negra é marcada por lutas e resistências, suas lutas são comprometidas, através do resgate das suas histórias, elas recriam a tentativa de buscar mudanças, sobretudo, a partir da construção de sua identidade. Nesse processo de construção de identidade, a mulher negra vivenciou experiências distintas das mulheres brancas, isso se esclarece desde o período escravocrata, ao pós-abolição, assim como na diferenciação das reivindicações em torno da mulher e da mulher negra na ótica dos movimentos sociais.

Ao longo de cada período histórico o negro nunca ficou totalmente passivo frente aos discursos e práticas atribuídas sobre eles, a resistência sempre foi requerida e o movimento negro sempre existiu. As diferentes formas de resistências tiveram-se presentes desde sua organização dos quilombos; às criações de agrupamentos e entidades; o surgimento da imprensa negra e do Movimento Negro Unificado (MNU), criado em 1978, o que de fato, com a derrocada do MNU, foi construído um novo olhar sobre o negro e posteriormente, sobre a mulher negra.

Na década de 1960, com a instauração da ditadura militar houve um arrefecimento sobre as demandas criadas pelo Movimento Feminista e Movimento Negro. A década de 1960 é caracterizada por intensa mobilização na luta pelos direitos das minorias, da discriminação racial e pelas reivindicações estudantis. No cenário francês, é no ano de 1968, que se tem a contestação pela juventude através do feminismo, do movimento estudantil e da questão da diversidade étnica. No Brasil, esses movimentos sociais foram barrados pelo cenário político que o país se encontrava, a ditadura militar, com a institucionalização do Ato Institucional N^o. 5- (AI-5).

O que estamos propondo neste trabalho é, portanto, tecer uma visão geral de como se constituíram esses movimentos sociais, compreendendo a sua permanência no nosso tempo presente, colocados sobre os seguintes questionamentos: Como começou a formação do movimento negro? O que as mulheres necessitavam na década de 1960 para que ocorresse o movimento feminista? Como se deu o processo histórico da construção da identidade de ambos os movimentos? Que efeitos tiveram no Brasil sobre as ideias de Maio de 1968? Por qual motivo existem esteriótipos sobre a população negra? De que maneira foi construída a ideia do que é feio e o que é belo? Como foi inserido na vida das mulheres o padrão de beleza que deveriam adotar? Para responder tais indagações utilizaremos fontes variadas, coletadas através da internet, de artigos, teses e livros que norteiam essas questões.

No presente trabalho percebemos que a questão do conceito de identidade norteia todo o campo, o que nos faz propor essa discussão através do conceito de identidade imposto pelo jamaicano Stuart Hall (2000 e 2014). Utilizamos como aporte teórico na formulação dos capítulos: ALVES; PITANGUY (1981); Ponge (2009); Domingues (2007); Melo (2012); Pinto (2010); Moreira (2011); Caderno Geledés IV, (1993); Constituição da República Federativa do Brasil (1988); Silva (2014); Brasil (2009); Del Priori (2013); Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica (2007); Martins (2006); Gomes (2008); Halbwachs (2003); Crispiniano; Queiroz (2015); Portilho (2008); Braga (2013); Barth (1988). Fizemos uso de fontes diferenciadas para trabalhar a questão da Mulher Negra: Revistas, poema e música.

O envolvimento do autor do trabalho sobre as discussões propostas se dá em buscar entender os discursos formulados sobre o corpo e o cabelo como símbolos de identidade, símbolos que sempre foram vítimas de olhares e discursos sobre eles na sua trajetória de vida.

No primeiro capítulo, intitulado como ‘MOVIMENTOS SOCIAIS: UM BREVE HISTÓRICO’ com o subtítulo ‘BOCA NO TRAMBONE!’ proporciona uma discussão relacionada aos movimentos sociais a partir da década de 1960, assim como seus impactos no Brasil desde a década de 1980 aos dias atuais. Compreendendo o Maio de 1968 na Europa e a década de 60 da segunda metade do século XX no cenário brasileiro, o que nos leva a uma breve abordagem sob o Movimento Negro; Movimento Feminista e do Movimento Negro Feminista. O subtítulo faz referência traçadas por esses movimentos sociais.

No segundo capítulo, intitulado como ‘DEIXE O MEU “FUA” EM PAZ!’ o título faz referência em torno das discussões em torno do capítulo. Nosso objetivo é analisar a partir de fontes diferenciadas como a imagem da Mulher Negra foi construída mediante recortes temporais, havendo uma discussão com dois eixos norteadores: a questão racial e a questão de gênero, através do *Portal Geledés/SP*. A escolha do recorte temporal implica sobre publicações referentes aos anos de (2013, 2014 e 2015), o que se tornou um exercício desafiador na escolha das fontes, pois a construção do site é feita cotidianamente, tendo a maioria das abas com o acesso de fontes a partir dos anos de 2008 e/ou 2009.

No terceiro e último capítulo, intitulado como ‘IDENTIDADE, CORPO E BELEZA’ abordamos brevemente o processo de construção da identidade da mulher e da mulher negra através das representações ao longo do tempo histórico. Por meio de fontes diferenciadas,

analisaremos como a identidade da Mulher Negra foi e é construída evidenciando uma discussão em torno do corpo e beleza feminina.

2 CAPÍTULO I MOVIMENTOS SOCIAIS UM BREVE HISTÓRICO: BOCA NO TRAMBONE!

Cada movimento apelava para a identidade social de seus sustentadores. Assim, o feminismo apelava às mulheres [...] as lutas raciais aos negros [...]. Isso constitui o nascimento histórico do que veio a ser conhecido como a política de identidade – uma identidade para cada movimento. (HALL, 2014, p. 27).

A década de 1960 teve bastante notoriedade no mundo ocidental, através dos vários acontecimentos que repercutem, sobretudo, na contemporaneidade. Nesse período ocorria a Guerra do Vietnã; o surgimento do movimento *hippie* com seu lema '*paz e amor*' nos Estados Unidos; o Maio de 68 em Paris; a criação da pílula anticoncepcional; e o início do golpe militar no Brasil em 1964 que, em 1968 através do Ato Institucional N.º. 5-(AI-5) se torna um governo mais rigoroso. A década de 1960 é também caracterizada por intensa mobilização na luta pelos direitos das minorias, da discriminação racial e pelas reivindicações estudantis. “[...] Tais movimentos trazem o individual para o campo do político, tornando-se coletivo [...]” (ALVES; PITANGUY, 1981, p. 58).

No ano de 1968 em Paris e no Brasil, apesar de lugares distintos, a emersão dos movimentos sociais, apresenta-se com uma grande repercussão. No cenário francês, é no ano de 1968, que se tem a contestação pela juventude através do feminismo, do movimento estudantil e da questão da diversidade étnica. No Brasil, 1968, é marcado pela instituição do AI-5, que fez com que esses movimentos sociais no cenário brasileiro fossem eclodidos. Só a partir da década de 1980, eles foram retornados com vigor; o ano de 1968 assumiu características específicas em diferentes países. Porém os acontecimentos no seu conteúdo se tornaram mundial (PONGE, 2009).

Tecer uma visão geral e ao mesmo tempo breve sobre como foram sendo construídos os discursos em torno dos movimentos sociais, assim como entender as razões para a eclosão e a permanência desses movimentos no nosso tempo presente é um exercício desafiador. A seguir, faremos alguns apontamentos sobre dois movimentos: negro; feminista e enfatizando, o movimento feminista negro.

2. 1 Movimento Negro

Para compreender a origem do movimento negro, precisamos buscar entender a história do negro na sociedade brasileira. Nosso objetivo é proporcionar uma visão geral do que denominamos de Movimento Negro, apontando características que lhes foram atribuídas

no decorrer de sua trajetória, principalmente na segunda metade do século XX, compreendendo como foi sendo conquistado o lugar do negro a partir dos movimentos gerados por eles e por alguns agrupamentos que obtiveram mais visibilidade na busca pelas espacialidades, dialogando com a construção da identidade. Pinto (1993 apud DOMINGUES, 2007, p. 101) afirmou “[...] movimento negro é a luta dos negros na perspectiva de resolver seus problemas na sociedade abrangente [...]”.

Ao longo de cada período histórico o negro nunca ficou totalmente passivo frente aos discursos e práticas atribuídas sobre eles. A resistência sempre foi requerida e o movimento negro sempre existiu ao longo de sua história. Chegando ao Brasil na condição de escravo, as relações de poder entre o que domina e aquele que é dominado irá fazer com que se permita o desenvolvimento dos conceitos pejorativos e discriminatórios que permeiam o imaginário social e são visíveis na atualidade sobre os negros (MELO, 2012). As diferentes formas de resistência estiveram presentes desde a organização dos quilombos, às criações de irmandades, agrupamentos e entidades, assim como o surgimento da imprensa negra e do Movimento Negro Unificado (MNU), o que, com a derrocada do MNU, foi construído um novo olhar sobre o negro e posteriormente, sobre a mulher negra.

Segundo Melo (2012) não se pode falar em identidade negra sem fazermos uma abordagem sobre a raça. Nos séculos XVIII e XIX ocorre o desenvolvimento das teorias raciais na Europa. Com a explicação sobre as diferenças entre os povos, o branco era colocado como superior ao negro, e esse discurso se torna presente sobre a história do povo negro através dos livros didáticos no século XXI: uma reprodução de discursos eurocêntricos (MELO, 2012). No entanto, sobre o olhar europeu, o negro foi visto como o exótico e o *diferente*, o que nos leva também a refletir se o sentido da palavra *diferente* simbolizou o europeu ao olhar do negro, assim como o índio e o português foram um para o outro¹. Para o movimento negro o termo raça e a questão da identidade racial, são utilizados sobre dois aspectos importantes: tanto como questões políticas quanto por suas intensas mobilizações (DOMINGUES, 2007).

No período pós-abolição a população negra passa a ser ainda mais marginalizada, fato ocorrido por não ter sido colocado sobre o negro um favorecimento de ações para sua inserção, tanto na esfera do trabalho quanto no seu reconhecimento enquanto cidadão, frente a

¹ A opção por colocar o exemplo do índio e do português foi para lembrar a questão do olhar do “velho” mundo sobre o “novo” mundo e vice-versa. No sentido do olhar obtido sobre as peculiaridades do outro.

essa questão de marginalização, houveram movimentos gerados por essa população que acarretaram no surgimento de vários grupos e entidades que os favorecem, assim como o aparecimento da imprensa negra (DOMINGUES, 2007).

Sobre a primeira perspectiva de abordar uma questão que não era tratada em outros meios de comunicação, a imprensa negra traz, o surgimento de vários jornais que tinham como interesse em comum trazer à tona o debate sobre preconceito e discriminação racial, assim como outros campos que afetam a população negra, seja no tocante à saúde, ao trabalho e a educação (DOMINGUES, 2007).

Na década de 1930, especificamente no ano de 1931, o movimento negro ganhou mais visibilidade com o surgimento da Frente Negra Brasileira (FNB). Sua existência trouxe uma organização como entidade negra que conseguiu manter escola, teatro, grupo musical, assim como a produção do jornal *A Voz da Raça*. A FNB tornou-se uma das mais importantes entidades negras da segunda metade do século XX. Vale salientar que, além da existência da FNB, houveram outras entidades que tinham o intuito de integrar o negro na sociedade, mas que com a chegada do “Estado Novo” (1937-1945), a Frente Negra Brasileira e as demais entidades foram extintas (DOMINGUES, 2007).

A figura da mulher negra nesse período também se torna presente, apesar de não atuar diretamente sob a esfera do espaço público, suas atuações se referiam nas diversas funções que lhes eram cabíveis à época, seja em organizações de festivais artísticos, seja em atividades assistencialistas (DOMINGUES, 2007).

Com a derrocada do governo de Getúlio Vargas, dois grupos tiveram mais visibilidade: a União dos Homens de Cor (UHC), fundada em Porto Alegre, em 1943, por João Cabral Alves, visando o aumento da produtividade do negro no campo político, econômico e social; e o Teatro Experimental do Negro (TEN), fundado em 1944, com a liderança de Abdias do Nascimento, que lutava por uma legislação antidiscriminatória. Ambos os agrupamentos tinham em pauta as ações em torno da luta pelos direitos civis.

Na década de 1960, com a instauração da ditadura militar houve um arrefecimento sobre as entidades negras existentes. A década seguinte vivencia uma nova fase do movimento negro, denominado agora, Movimento Negro Unificado (MNU), criado no ano de 1978. Nessa nova fase do movimento negro, tal como Melo (2012) afirmou, as mulheres também se tornaram presentes no seu seio.

De acordo com SANTOS; BARBOSA, 1994, apud, DOMINGUES, 2007 afirmam, entendemos também que movimento negro é composto de todas as entidades de qualquer tipo, assim como de qualquer tempo, sejam elas: assistencialistas; artísticas; religiosas; culturais; recreativas e políticas, ou seja, em cada período as demandas foram sendo apresentadas e o movimento negro foi ganhando força e novas facetas na sua configuração.

Ao longo de sua trajetória o Movimento Negro se fez presente nos meios social, cultural e, sobretudo, político. A resistência da população negra foi fundamental para que suas ideias e sua história fossem transmitidas marcando sua construção enquanto identidade de sujeitos. Portanto, falar em movimento negro é abordar seus vários movimentos nas suas particularidades.

2.2 Movimento Feminista

Pinto (2010) afirma que o movimento feminista da segunda metade do século XX, foi um movimento organizado por mulheres de classe média alta, educadas, sobretudo, nas áreas das Humanidades, da Crítica Literária e da Psicanálise. O movimento ficou caracterizado tanto pela ação das mulheres envolvidas na questão, quanto pelos espaços ocupados por essas mulheres na produção teórica. O feminismo no Brasil surge, a partir da luta pelo voto, na década de 1910, que apenas em 1932² foi conquistado.

Devemos entender dois fatores: o primeiro, que o movimento feminista a partir da década de 1930 foi perdendo sua força, sendo retomado e colocado de uma maneira mais notória após trinta anos; o segundo, a compreensão do cenário que está sendo trabalhado, que se distingue quanto a outros lugares. Em relação ao primeiro fator, deve-se compreender que essa perda de força foi influenciada por um período marcado pela conjuntura política brasileira, colocando as mulheres e seus interesses à margem. Porém, mesmo com as restrições ao movimento feminista, a presença feminina no caminhar de outros ‘movimentos’ se tornam presentes, como por exemplo, as mulheres em luta pela Anistia a partir de 1945. Posteriormente, em 1975, foi fundado em São Paulo, o Movimento Feminino pela Anistia, sendo considerado o primeiro movimento pós- ditadura civil militar.

² Entre o período do início da luta pelo voto feminino no Brasil e a efetuação dessa demanda, em 1919 Bertha Lutz funda a Liga pela emancipação intelectual da Mulher, que posteriormente será denominada Federação Brasileira pelo Progresso Feminino. A organização em si, tinha como intuito a luta contra o sufrágio. Vale salientar que, o ‘sufrágio’ significa a luta das mulheres pelo direito ao voto, denunciando a exclusão sobre a condição feminina (ALVES; PITANGUY, 1981, p. 42-48).

O termo feminismo se constrói no decorrer do cotidiano, tal construção por meio de lutas, contradições e *(re)* construções. O movimento feminista ressurgiu na década de 1960 em Paris, no cenário em que o econômico, o cultural e o social se interligavam. A força que o movimento adquire, liga-se ao fato de estar sendo emerso num momento histórico onde os negros; homossexuais; estudantes; ecologistas buscavam a igualdade de direitos, havendo assim, conexões entre si (ALVES; PITANGUY, 1981).

“[...] o movimento feminista não se organiza de uma forma centralizada, e recusa uma disciplina única, imposta a todas as militantes” (ALVES, B. M; PITANGUY, J., 1981, p.8). Para tanto, o movimento feminista brasileiro, obteve contato com as classes populares e estas, além de propor em novas concepções, fizeram emergir ações com discursos diferenciados dos que até então se apoderavam (PINTO, 2010). Nesse caso, vamos nos situar sobre uma nova interface do feminismo: o feminismo negro.

2.3 O Movimento Feminista Negro

Existe uma diferença sobre a palavra identidade quando aplicamos a categorias isoladas: a mulher; a mulher negra e o negro na sociedade? A identidade adquirida por esses três segmentos são fixas ou híbridas? Afinal falaremos agora de uma mesma identidade para todos? Abordar a discussão sobre o movimento feminista negro é trazer uma discussão do macro para o micro, pois só a partir das discussões anteriores sobre os movimentos negro e feminista, vamos compreender a partir de que ponto emergiram, no cenário brasileiro, as vozes que por muito tempo foram, em um plano geral, ‘silenciadas’ pelas questões de obterem demandas específicas, o que conseqüentemente, entravam em contraposição frente às trajetórias e discursos providos sobre os dois movimentos anteriormente abordados de formas isoladas.

O que prevalece na discussão sobre o ponto ‘*A mulher negra e o feminismo*’ diz respeito à identidade *(re) construída* pelas mulheres negras, que, agora tinha como princípios dois pontos em comum: a questão de gênero e a questão racial. Nesse sentido, nesta nova interface de movimento social, sob o aspecto do olhar juvenil nos questionemos: Qual a relação entre a mulher negra e o feminismo? Como essa relação foi sendo construída e por qual motivo essa militância foi sendo desenvolvida?

O feminismo negro surgiu no intuito de buscar o reconhecimento da mulher negra, o empoderamento nas relações cotidianas e as espacialidades no âmbito político, social e

econômico. Nesse sentido, a mulher negra tem uma representação diferenciada quanto às outras mulheres em relação à identidade. Hall (2002) nos perguntou no título de seu capítulo “*Quem precisa de identidade?*”, repensemos por qual motivo as mulheres negras precisariam de uma nova identidade.

A trajetória da mulher negra é marcada por lutas e resistência, assim como a presença dentro do Movimento Negro, porém, sendo colocada como segundo plano frente aos discursos dos homens no movimento. Do período escravocrata aos dias atuais, as mulheres negras adquiriram importante participação quanto à formação dos quilombos, a exemplo de Dandara dos Palmares e a Angela Davis³, esta última, lutou contra a discriminação racial e pela igualdade de direitos no movimento dos *Panteras Negras*⁴, assim como outras mulheres negras que se identificaram com a questão da militância e da identidade (re) construída em comparação às reivindicações do movimento feminista e do movimento negro.

O movimento feminista negro surge com a alavancada do MNU, buscando ações diferenciadas de ambos movimentos isolados, pois, as lutas e os discursos tornam-se distintos quanto se têm apenas uma questão em torno de si, seja ela apenas a questão de gênero ou a racial. A partir da década de 1980, as mulheres negras ganham espaços na sociedade, colocando a questão de gênero e racial interligadas (MOREIRA, 2011).

“A constituição da mulher negra como um novo ator político exigiu criatividade no sentido de demarcar a identidade política do ser mulher negra diante da questão da mulher e da questão do negro” (Caderno Geledés IV, 1993, p. 40). Sobre a identidade e diferença, as mulheres negras se diferenciavam nas reivindicações que as feministas brancas buscaram. Sua aproximação do movimento fez com que as demandas prioritárias, se tornassem distintas, no sentido de não inserir a questão da raça nas reivindicações. “As mulheres negras [...] reivindicavam direito ao trabalho, à creche, direito à casa, à vida, à auto-imagem [...]” (MOREIRA, 2011, p. 60).

A luta das mulheres negras é comprometida com o resgate das suas histórias, elas recriam a tentativa de buscar mudanças que possam permitir novas experiências sendo reivindicações, sobretudo, a partir da construção da identidade. No entanto, o feminismo

³Angela Davis foi uma ativista negra, militante do movimento negro feminista na década de 1970 que teve bastante influência nos Estados Unidos.

⁴Os Panteras Negras eram integrantes de um polêmico grupo revolucionário americano, surgido na década de 1960 para lutar pelos direitos da população negra.

negro fortalece a possibilidade de afirmar identidade; de reconhecimento; e sobretudo, de conquistar e ocupar espaços na sociedade (MOREIRA, 2011).

A relação das mulheres negras com o movimento feminista se estabelece a partir do III Encontro Feminista Latino-americano ocorrido em Bertioga em 1985, de onde emerge a organização atual de mulheres negras com expressão coletiva com o intuito de adquirir visibilidade política no campo feminista. A partir daí, surgem os primeiros Coletivos de Mulheres Negras, época em que aconteceram alguns Encontros Estaduais e Nacionais de Mulheres Negras (MOREIRA, 2011, p. 59).

A ação política das mulheres negras se traduz na dupla militância, buscando ações diferenciadas nestes dois movimentos trabalhados isolados. (Caderno Geledés IV, 1993, p. 17).

2.4 Globalização

Hall (2014) afirmou que, “ O que é importante para nosso argumento quanto ao impacto da globalização sobre a identidade é que o tempo e o espaço são também as coordenadas básicas de todos os sistemas de *representação*” (HALL, 2014, p. 40). Um espaço que, segundo Harvey (1989 apud HALL, 2014, p. 42) diz poder ser cruzado num piscar de olhos, mesmo que os próprios lugares sejam fixos. A globalização traz em si, um cenário que coloca várias identidades no mesmo espaço, porém, cada qual com suas representações, fazendo com que o espaço global seja de fluxos nos quais as fronteiras e os limites podem ser transpassados. Em decorrência dessa teia global, vejamos alguns dos espaços adquiridos abaixo:

Com a redemocratização dos anos 1980, o feminismo no Brasil entra em uma fase de grande efervescência na luta pelos direitos das mulheres: há inúmeros grupos e coletivos em todas as regiões tratando de uma gama muito ampla de temas – violência, sexualidade, direito ao trabalho, igualdade no casamento, direito à terra, direito à saúde materno-infantil, luta contra o racismo, opções sexuais (PINTO, 2010, p. 17).

Como protesto à ausência de espaço, tanto no movimento feminista, quanto no movimento negro, as mulheres afro-brasileiras fundaram suas próprias organizações, como o Geledés, em São Paulo; a Criola, no Rio de Janeiro; a Nzinga, Coletivo de Mulheres Negras de Belo Horizonte; a Associação das Mulheres Negras, de Porto Alegre [...] (ROLAND, 2000 apud DOMINGUES, 2008, p.104).

2.5 Constituição de 1988

No ano de 1988 o país é marcado por acontecimentos, neste trabalho daremos visibilidade a dois deles. O primeiro, pela promulgação da nova Constituição Brasileira; o

segundo, pelo centenário da escravidão. No primeiro momento, o país passou por sua fase de redemocratização; importante nesse trabalho dar visibilidade. Vejamos.

No título I (*Dos Princípios Fundamentais*), o Artigo 3º da Constituição, tem como descrição (*Constituem objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil:*), trazendo o §IV – *promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação*. No Título II (*Dos Direitos e Deveres Fundamentais*), sob o capítulo I (*Dos direitos e deveres individuais e coletivos*), o Artigo 5º tem como descrição (*Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:* (EC no 45/2004)), traz no §XLII – (*a prática do racismo constitui crime inafiançável e imprescritível, sujeito à pena de reclusão, nos termos da lei;*).

Sobre o segundo acontecimento, temos ainda que recentemente os cem anos do fim do período escravocrata e as mudanças que durante esse centenário ocorreram sobre o negro e a mulher na sociedade, na busca por espacialidades e afirmação; o que nos fazem refletir a partir dos artigos colocados acima.

2.6 A questão racial no debate político (FHC e Lula)

No cenário político a questão do debate étnico-racial no Brasil passa a ser discutida, conforme Silva (2014) nos afirmou, após a aprovação da Constituição de 1988. Foi no governo de Fernando Henrique Cardoso (1994-1998 e 1999-2002) que o debate sobre os direitos étnico-raciais passou a ser discutido pelo Governo Federal.

Seu governo é marcado pela criação de grupos, planos e conferências que atendiam ao debate étnico-racial. No seu primeiro mandato, o Governo Federal cria, em 1995, o Grupo de Trabalho Interministerial de Valorização da População Negra (GTI), em consequência da Marcha Zumbi dos Palmares contra o racismo que, entregou ao ex-Presidente, pelos os organizadores, um inventário relatando como se encontrava a situação do negro no Brasil e apresentando uma proposta que visava um programa de ação para a superação da desigualdade racial. Neste sentido, o GTI dividia-se sobre 16 áreas de atuações, dentre elas: Políticas de ação afirmativa; Mulher Negra; Racismo e Violência e Cultura Negra. Em 1996, é aprovado pelo Governo Federal, o Decreto 1.904, o qual instituía o I Programa Nacional de Direitos Humanos (I PNDH 1996), que, ao tratar da população negra, reconhecia a questão

racial a partir do histórico da escravidão, e o Estado brasileiro cabia afirmar que reconhecia a partir do período escravocrata, assim como da violação dos direitos humanos com base no tráfico de escravos (SILVA, 2014).

No seu segundo mandato, referente aos anos entre (1999-2002), no ano de 2000, o Governo organiza a Conferência Nacional contra o Racismo e a Intolerância. Através dessa conferência, colocou o Brasil na Conferência de Durban (2001), através da elaboração da (Carta Rio). A Conferência de Durban, ocorrida na África do Sul, foi uma Conferência Mundial contra o racismo, a discriminação racial, a xenofobia e a intolerância, que, no seu bojo, tratava das questões afirmativas sobre o negro, ela produziu efeitos no cenário brasileiro através da criação, em 2001, Ministério da Justiça, do Conselho Nacional de Combate à Discriminação, assim como, no ano de 2002, o surgimento do Programa Nacional de Ações Afirmativas (SILVA, 2014).

No entanto, apesar da criação de programas, planos e conferências durante o governo de Fernando Henrique Cardoso, devemos salientar que “Se por um lado o Governo reconhecia oficialmente a existência do racismo, por outro, parcamente promoveu políticas para evitá-la” (SILVA, ALINE FERREIRA DA, 2014, p.101). Se FHC colocou em pauta a criação de projetos que dessem sustentabilidade e visibilidade ao discurso sobre esse debate, foi no governo de Luís Inácio Lula da Silva (2003—2006) que as ações foram concretizadas, tornando o debate mais discursivo.

Ao assumir o cargo de presidente da República em 2003, Luís Inácio Lula da Silva apropriou-se de um discurso que tinha por objetivo, o reconhecimento pluralístico da sociedade brasileira, tomando a questão racial como um dos focos de sua preocupação. Nesse sentido, seu Governo se iniciou com o lançamento de demandas que faziam parte do Programa de seu Governo (*Programa Brasil sem Racismo*) (SILVA, 2014). Lula organizou seu governo visando o discurso das políticas públicas. Foi no seu governo que a questão racial foi colocada como ação prioritária. Vejamos a seguir algumas dessas ações.

Instituída no ano de 2003, a Política Nacional de Promoção da Igualdade Racial (PNPIR) a partir do Decreto N° 4.886, visava, sobretudo, em políticas que entrem em diálogos e ações referentes às ações afirmativas; ao fortalecimento da identidade negra; ao combate à fome; ao desenvolvimento étnico; de distribuição de renda; e de preservação do patrimônio histórico; a criação da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR). Também em 2003, estabeleceu um conjunto de fatores que trabalham todo o

reconhecimento da cultura, religiosidade e etnia e o projeto de promoção da “justiça racial”, que tinha uma problemática sobre a inclusão econômica, social e política (SILVA, 2014). Assim como também, no ano de 2003, é sancionada a Lei 10639/2003, que estabelece a obrigatoriedade do ensino da História da África e da Cultura afro-brasileira nos sistemas de educação formal, visando à importância da questão do combate ao preconceito, ao racismo e à discriminação na agenda brasileira de redução das desigualdades (BRASIL, 2009).

Nesse sentido, na política educacional, a implementação da Lei 10.639/2003, significou estabelecer novas diretrizes e práticas pedagógicas que reconheçam a importância dos africanos e afrobrasileiros no processo de formação nacional, para que, através do diálogo e de ações pedagógicas, se tenha o reconhecimento e a valorização da história, cultura e identidade dos afro-brasileiros e africanos na formação do país (BRASIL, 2009). Essa lei é a vitória de anos de luta pela valorização e reconhecimento do patrimônio da humanidade legado pela África e sua diáspora. Mas que para que seja efetivamente uma vitória, precisaria que fosse realmente trabalhada.

3 CAPÍTULO II - DEIXE O MEU “FUA” EM PAZ!

A trajetória da mulher negra é marcada por lutas e resistência, suas lutas são comprometidas, com o resgate das suas histórias quando elas recriam a tentativa de buscar mudanças e buscam reivindicações, sobretudo, a partir da construção de sua identidade. Com a derrocada do Movimento Negro Unificado (MNU), as mulheres feministas negras, ganham espaços na sociedade, interligando as questões de gênero e racial.

No capítulo anterior, a partir das discussões sobre os movimentos sociais que relacionaram de modos isolados a questão racial e a questão de gênero, assim como essas duas questões interligadas, observamos as influências que tais movimentos obtiveram. Este capítulo tem como objetivo, compreender como foi construído o lugar da mulher negra e seus discursos pautados no tempo presente por fontes diferenciadas.

A fim de realizar essa pesquisa, o primeiro passo foi levantar algumas reflexões sobre o *Portal Geledés/SP*, tendo como eixos norteadores a questão racial e a questão de gênero e seus impactos na atualidade, evidenciando uma discussão sobre o racismo e sexismo. Por ser um site que contempla bastante informação, atualizado diariamente pelas suas subdivisões, se apresenta com lacunas no que se refere à gestão, biografia e prêmios, assim como a escassez da documentação das suas primeiras publicações.

No ano de 1988 ocorreu, no dia 30 de abril a criação do Portal *Geledés/SP*- Instituto da mulher negra/SP, ano no qual também foi promulgada a nova Constituição Brasileira e houve a comemoração do centenário da abolição da escravidão. O *Geledés/SP* é uma organização da sociedade civil que se posiciona em defesa de mulheres e negros por entender que esses dois segmentos sociais padecem de desvantagens e discriminações no acesso às oportunidades sociais em função do racismo e do sexismo presentes na sociedade brasileira. O termo Geledé é uma forma de sociedade secreta feminina de caráter religioso existente nas sociedades tradicionais yorubás. Expressa o poder feminino sobre a fertilidade da terra, a procriação e o bem estar da comunidade⁵.

A construção do site é feita cotidianamente, sendo publicadas ou compartilhadas de outras fontes, matérias e notícias que norteiam nosso tempo presente. Sua estrutura coloca publicações referentes a cada aba específica. O *Geledés/SP* possui sete áreas de atuação. São

⁵Fonte: <<http://www.geledes.org.br/o-que-e-o-geledes-instituto-da-mulher-negra/>>. Acesso em 11-04-2016.

elas: Direitos Humanos, Educação, Comunicação, Saúde, Mercado de Trabalho, Pesquisas e Políticas Públicas, havendo ainda uma subdivisão em abas específicas, é o caso referente à Educação, que se divide em três tópicos. A maioria de quem publica são pesquisadores e educadores de áreas diferentes, negros ou brancos, mas que tem o interesse em falar um pouco sobre algumas dessas divisões. Vejamos o quadro a seguir:

Quadro I. Estrutura do Geledés- Instituto da Mulher Negra/SP.

GELEDÉS	AREAS DE ATUAÇÃO	QUESTÃO RACIAL	QUESTÃO DE GÊNERO	EM PAUTA	RACISMOSE PRECONCEITOS	ATLÂNTICO NEGRO
Worldwide	Direitos Humanos	Artigos e reflexões	Violência contra mulher		Casos de racismo	África e sua diáspora
Quem somos	Educação: - Pensando a educação	Violência racial e policial	Mulher negra		Casos de preconceito	Africanos
O que fazemos?	- Planos de Aula. -Dossiê Monteiro					Afro-americanos
Projetos em andamento	Lobato	Lei 10.639/03 e outras	LGBTI		Defenda-se	Afro-brasileiros
	Comunicação					Afro-canadenses
						Afro-europeus
						Afro-latinos
						No Orun

Publicações de geledês		Cotas raciais				Patrimônio Cultural
Gelede na tradição Yourubá	Saúde					Esquecer? Jamais Variedades
	Mercado de trabalho					
	Pesquisas					
	Políticas Públicas					

Na aba da *Mulher Negra* as publicações ocorreram a partir do ano de 2009, sob uma visão geral, essa aba aborda diferentes questões sobre a mulher, não apenas em um cenário local, mas mundial. Publicações que colocam a mulher negra sobre temas diferenciados, referentes ao aborto; emprego; moda; a mídia e suas representações; assim como a afirmação de identidade, a que tem um maior número de publicações a partir das experiências, constrangimentos e momentos de negação/afirmação vivenciados por mulheres negras. Como nosso intuito é compreender a posição da mulher negra: suas conquistas, assim como os desafios que as mesmas enfrentam, enfatizamos aqui, a fala de duas mulheres negras influentes no debate da questão racial e de gênero na atualidade, Sueli Carneiro e Nilma Lino Gomes, junto com uma publicação da historiadora Luana Soares. Nesse sentido, fez-se

necessário lançar um olhar sobre a aba *mulher negra* para que pudéssemos compreender um pouco sobre a desenvoltura das publicações.

3.1 Sueli Carneiro

Quando iniciamos a pesquisa no período de três meses do ano de 2015, sobre a construção do Portal *Geledés/SP*, as informações relacionadas às áreas de atuação de Sueli Carneiro, mostravam o seguinte: formação em Filosofia, doutora em Educação pela Universidade de São Paulo (USP); coordenadora executiva, coordenadora da área de Direitos Humanos e editora do Portal *Geledés/SP*- Instituto da mulher Negra, ocupando o cargo de diretora vice-presidente do Fundo Brasil de Direitos Humanos e sobretudo, sendo ativista do Movimento Feminista e do Movimento Negro do Brasil, com autoria de artigos que versam sobre as temáticas de gênero, raça e direitos humanos em diversas publicações nacionais e internacionais.

Temos como interesse em tecer uma breve análise sobre a importância que as mulheres negras selecionadas neste capítulo, nos trazem na atualidade, apresentando em um primeiro momento, o interesse nas temáticas sobre as quais versam seus escritos. Nesse sentido, em uma entrevista concedida à ONG Fábrica de imagens⁶, em 14 de fevereiro de 2015, publicada na categoria *mulher negra*, referente à *Tags* Sueli Carneiro, vejamos como ela explica seu interesse sobre duas áreas: a questão racial e a questão de gênero.

ONG Fábrica de imagens (Pergunta): Como foi o início da tua trajetória, por que o interesse na questão racial e de gênero na tua vida?

Sueli Carneiro: Bem, eu acho que qualquer pessoa negra desde cedo experimenta situações de discriminação e geralmente a escola [...] é o primeiro espaço né social né, em que a gente tem que se defrontar quanto isso. Então, a discriminação racial foi uma coisa sempre presente na minha vida desde a infância e não só por que a a práticas sistemáticas de agressão as pessoas negras incluindo as crianças [...] os meus pais tinham a preocupação de nos alertar, para o fato de que teríamos que enfrentar essas situações [...]⁷.

Ao afirmar que a discriminação racial sempre esteve presente na sua vida, sobretudo, dentro da sala de aula, ainda na infância, e mesmo no meio familiar, seus pais já a alertavam para que situações como essas pudessem acontecer, faz com que se reflita sobre a Educação Básica e a proposta da Lei 10.639/2003.

⁶ O canal visa difundir, através da internet, que é um meio de comunicação LIVRE, o seu material sócio-cultural-educativo. Ver: <<https://www.youtube.com/user/ongfabricadeimagens/about>>. Acesso em 15 de dezembro de 2015.

⁷ Idem.

A educação básica ainda é profundamente marcada pela desigualdade, sendo a expressão racial umas das importantes marcas. A lei 10.639/2003 simboliza, simultaneamente, um ponto de chegada das lutas antirracistas no Brasil e um ponto de partida para a renovação da qualidade social da educação brasileira (BRASIL, 2009).

No decorrer da entrevista, Sueli Carneiro prossegue:

Mas, também eu tive experiências no interior da vida familiar [...] questionamento da condição feminina [...] Foi muito penoso também ver a minha mãe renunciar muitos sonhos e principalmente a alguns talentos e habilidades que ela tinha, por que meu pai não admitia que a mulher dele trabalhasse fora, tivesse uma outra profissão, uma profissão e uma carreira. Isso também foi um elemento que fez com que ela estimulasse muitos as filhas a estudassem a e a digamos a sair da esfera do lar e isso era uma atitude tão forte nela que ela inclusive se recusava em nos ensinar as prendas domésticas [...] e uma frase que ela usava sempre, era: Nunca dependa do seu marido pra comprar suas calcinhas [...] Isso acabou [...] fazer com todas de uma certa maneira buscassem um caminho que não tavam diretamente ligados as coisas do lar [...] ⁸

Ao afirmar que havia dentro do seu meio familiar, uma situação de proibição da mulher quanto à escolha de uma profissão, sobretudo, sendo imposto, pelo seu pai sobre sua mãe, percebemos a importância que sua construção enquanto sujeito feminino teve para seu interesse na temática de gênero.

A mulher brasileira sempre trabalhou. Numa ótica pós-abolição, as mulheres negras, continuaram trabalhando, porém, nos setores mais desqualificados, e recebendo salários baixíssimos. E esse papel de vincular a mulher apenas aos preceitos familiares foi sendo desconstruído a partir dos avanços e movimentos das mulheres. A presença feminina passou a afirmar, notadamente no mundo do trabalho, que, de fato, desde os anos 1980, houve um crescimento do número de mulheres na busca de trabalho, procurando espaços que não a colocasse apenas sob as funções do lar (DEL PRIORI, 2013).

“Lugar de mulher é onde ela quiser”(Pensamento Feminista) ⁹, a frase representa a luta coletiva de mulheres na mídia no que diz respeito ao empoderamento feminino e ao lugar da mulher na contemporaneidade atreladas tanto à raça quanto ao gênero contra o sexismo. De acordo com o dicionário Aurélio, sexismo, é um “termo empregado pelos movimentos de emancipação feministas para designar a atitude dominadora dos homens para com as mulheres, uma discriminação baseada em critérios sexuais.

⁸ Idem.

⁹ O Pensamento Feminista é uma comunidade na página da rede social *Facebook* que visa trazer ao público pensamentos feministas para serem compartilhados.

eu vou demorar muito pra saber que essas coisas, esses temas era objeto de ação política, de movimentos sociais. Só só na década de 70 que eu começo a perceber que para além de uma consciência individual ou familiar, havia uma consciência política em torno dessas questões e havia movimentos organizados ne?! Em torno desses temas e que essa era a dimensão que fazia avançar as coisas para além de uma consciência individual, para além de uma luta individual de emancipação como mulher ou de ou de emancipação como o negro, quer dizer havia uma luta coletiva. Que tinha que abarcar ne todas essas coletivas, é quando eu conheço o movimento negro e o movimento feminista, isso na década de 70 [...] (<https://www.youtube.com/user/ongfabricadeimagens/about>> Acesso em 15 de dezembro de 2015).

No final dos anos da década de 70 da segunda metade do século XX, surge o MNU, no ano de 1978. O feminismo negro surgiu na busca por reconhecimento da mulher negra, sob o âmbito político, social, cultural e econômico. O Movimento de Mulheres Negras nasceu em contradição das necessidades e reivindicações que o Movimento Negro e Movimento Feminista abordavam. A busca da afirmação política da mulher negra é justificada pelas especificidades que consistem em decorrência da escassez que a questão referente à mulher negra é tratada sob esses movimentos isolados (Caderno Geledés IV, 1993, p.13).

A uma imposição estética de um padrão branco ocidentalizado que é o padrão pelo qual todas as mulheres são esteticamente avaliadas e isso é uma perversidade an extrema na medida em que nega o direito ao reconhecimento a das diferentes formas estéticas da humanidade né expressa, ne! A diversidade quer dizer, rejeita a [...] diversidade em prol de uma posição de um determinado padrão, valoriza, depressia tudo o que se distancia desse padrão. (Trecho da entrevista com Sueli Carneiro, feminista negra)¹⁰.

Abordar sobre a diversidade cultural exige de nós um olhar sobre esse ampliado conceito. A questão em torno da diversidade abrange também uma discussão política, por abordar e enfatizar o respeito aos padrões existentes na sociedade: de cultura, de raça, de gênero, de beleza entre outros. Assumir a diversidade cultural representa implementar políticas públicas, num repensar sob esses padrões que alteram as relações de poder. Refletir e trabalhar as particularidades do outro: na relação do outro, na cultura do outro, na estética do outro, faz extinguir um determinado padrão e valoriza os múltiplos padrões (GOMES, 2003, apud Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007).

3.2 Lino Gomes.

Pedagoga, com mestrado em Educação e doutorado em Antropologia Social e pós-doutorado em Sociologia, Lino Gomes além de reitora da (UNILAB), professora e ter suas

¹⁰CARNEIRO, Sueli.Fábrica: entrevista. [14 de fevereiro, 2015]. Geledés- Instituto da mulher negra. Entrevista concedida Aby Rodrigues. Ver:<<http://www.geledes.org.br/fabrica-entrevista-sueli-carneiro/#gs.MGwMku>>. Acesso em: 15 de dezembro de 2015.

publicações relacionadas às áreas de Educação e Diversidade étnico-racial, com ênfase especial na atuação do movimento negro brasileiro, também assumiu o cargo de Ministra da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial da Presidência da República (SEPP/PR) ¹¹ em 02 de Janeiro de 2015. Nomeada pela presidente Dilma Rousseff em 02 de Outubro de 2015, se tornou Ministra do Ministério das Mulheres da Igualdade Racial e dos Direitos Humanos. O Ministério tem o objetivo de fortalecer e aprimorar as políticas de gênero, o combate ao racismo e de proteção dos direitos humanos no País. ¹²

Em 7 de abril de 2013, a aba mulher negra do Portal *Geledés/SP*, publicou uma postagem, retirada do portal de notícias, *O Globo*, sob o título: “**Primeira reitora negra, de instituição federal, Nilma Lino Gomes, toma posse**”. Localizada em Redenção, a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro brasileira (Unilab), tem a primeira mulher negra a chefiar uma universidade federal e ao assumir o cargo de reitora pro tempore.

A influência que Lino Gomes possui sobre os movimentos sociais, somada com a relação com a educação é marca ao longo da sua trajetória de vida. No discurso de sua nomeação, o trecho a seguir representa a importância que atribui, ao longo da sua trajetória profissional, em debater sobre o racismo:

Tem algo que não é só meu (sobre a nomeação). É da luta coletiva de políticas raciais no Brasil. Tudo isso soma para a minha nomeação, que envolve a minha trajetória profissional, pessoal e o processo de luta por democracia e igualdade racial¹³.

O *Geledés/SP* passou a republicar matérias de outras fontes relacionadas sobre a trajetória da vida pessoal e profissional de Lino Gomes. Para que possamos compreender a importância que ela representa na atualidade tanto para as mulheres negras quanto para o debate relacionado à Lei 10.639/2003 na escola:

Em uma matéria publicada em 20 de Abril de 2013, intitulada “**Ela é negra do Brasil**”, retirada da fonte *O Povo* e publicada na aba *mulher negra*. Lino Gomes afirmou que ser uma mulher negra que atua nas questões raciais¹⁴ foi um dos fatores para ser convidada a ser reitora da (Unilab). Nessa matéria, *O Povo* faz uma entrevista contendo onze perguntas

¹¹Para mais informações, acesse:<<http://www.seppir.gov.br/>>. Acesso em 12 de Abril de 2016

¹² Fonte: < <https://www.youtube.com/watch?v=H3EwHYUsJ4c>>. Acesso em 25 de Abril de 2016.

¹³Fonte:<<http://www.geledes.org.br/primeira-reitora-negra-de-instituicao-federal-nilma-lino-gomes-toma-posse>>. Acesso em 15 de dezembro de 2015.

¹⁴Fonte:<<http://www.geledes.org.br/ela-e-negra-brasil/>>. Acesso em 12-04-2016.

relacionadas à sua vida profissional e à vida pessoal. Vejamos 3 das perguntas elaboradas pelo *O Povo*. A primeira pergunta refere-se a: “Quando a senhora se descobriu negra?”

[...] Acho que eu sempre soube (risos). Por que sou de uma família do interior de Minas Gerais. Uma família negra que sempre se viu negra. Fui educada para ter orgulho de quem eu sou [...] Eu venho de uma família em que nós sempre nos víamos negros, convivemos com parte da família que é negra. Sempre fui criada como mulher negra, uma menina negra. O que eu descobri fora desse aconchego familiar foi o racismo! Foi traumático, porque foi na escola, na primeira série [...] Uma colega me xingou de “cabelo de bombрил”. Foi o primeiro xingamento racista que ouvi [...] Cheguei em casa e levei isso pra minha família, que reage, vai à escola. Comecei a perceber que meus outros colegas negros recebiam xingamentos, esses e outros [...] Fui entendendo que eu tinha que aprender a me defender também. Isso é muito duro. Sobre tudo na infância, porque é onde aprendizados começam a acontecer [...] ¹⁵.

Ao afirmar que no seio familiar sempre soube o que é ser negra, Gomes teve seu primeiro contato com o racismo na Educação Básica. “Ao mesmo tempo, reconhecemos que as bases da construção da identidade da criança, bem como sua relação com os outros e o mundo que a cerca, dá-se substancialmente durante a infância” (Orientações Curriculares, 2008, p. 86) ¹⁶. Entendemos que o racismo em nossa sociedade deve ser combatido firmemente, seja qual for o grupo que sofra a discriminação e o preconceito, havendo um diálogo tanto na esfera educacional, quanto no meio familiar. É preciso perceber que todas as ações e ideias que temos no decorrer do cotidiano foram construídas com base em teorias raciais, com o objetivo de manter o poder de um grupo sobre o outro. O racismo ultrapassa a experiência individual de preconceitos e discriminações que são formuladas sob o sujeito (MARTINS, 2006).

No nosso segundo recorte, *O Povo* formula a indagação: “Suas experiências de vida influenciaram de forma definitiva suas preocupações acadêmicas. Como isso se deu?”

Lino Gomes Responde:

[...] Pela minha vivência mesmo. Minha família negra. Depois, por experiências que comecei a viver como professora da educação básica. Sempre fui professora [...] Tive um pequeno período em que trabalhei no público e no privado. E comecei nesse momento a perceber diferenciações [...] Era uma escola privada de médio porte. Tive que reeducar os alunos a ter uma professora negra atuando nessas turmas de ensino fundamental. E também atuava numa escola pública onde uma grande maioria dos meus alunos eram negros. Eu era diferente num espaço e era igual em outro [...] E as pessoas falavam que esse era um tema que precisava de mais investigação. Era no final dos anos 80, começo dos anos 90, nós não tínhamos a produção que temos hoje sobre relações raciais na educação e em outras áreas [...]

¹⁵ Ibidem.

¹⁶ *Orientações Curriculares: expectativas de aprendizagem para a educação étnico-racial na educação infantil, ensino fundamental e médio* / Secretaria Municipal de Educação – São Paulo: SME / DOT, 2008.

Como educadora e como mulher negra, falei: “Acho que tenho que uma responsabilidade acadêmica e política”. E comecei a pesquisar [...] Não parei mais¹⁷.

Seus escritos tem influência sob as experiências adquiridas enquanto professora e pela sua trajetória de vida, colocando: Educação, Políticas Públicas e envolvendo a questão de gênero e racial, promoção da igualdade racial sob suas preocupações enquanto pesquisadora.

A partir da década de 1980, no cenário brasileiro, as mulheres negras ganham espaços na sociedade, reivindicando seus direitos e valores que colocavam a questão de gênero e racial interligadas. O ano de 1988 foi de particular importância para as mulheres negras brasileiras, pelos acontecimentos gerados em torno da questão racial e de gênero, como: O centenário da abolição da escravidão; a promulgação da Constituição; fundação de ONG's brasileiras de mulheres negras (*Geledés/SP*) e de uma militância com forte posicionamento no sentido de discutir e exigir melhorias para a população negra (Caderno Geledés IV, 1993).

A última pergunta que se tem como norte é a seguinte: “Como lidar com o racismo entre a população negra?”

[...] Sempre que me perguntam isso, chamo atenção para uma questão: o racismo é um fenômeno que prejudica todos nós: negros, brancos, indígenas. E para compreender como uma pessoa que é negra pode desenvolver um preconceito contra si mesmo e contra o seu grupo, é o maior exemplo da perversidade do racismo [...] quando se está num lugar com referências muito negativas em relação ao seu próprio grupo étnico-racial, é possível que essa pessoa também desenvolva esse mesmo sentido. Por isso que as políticas afirmativas e a afirmação das identidades são importantes [...] Mais do que prestar atenção no fato de uma pessoa negra que discrimina uma outra pessoa negra, é entender qual o fenômeno perverso na nossa estrutura que educa as pessoas desse jeito. E mais: se elas são educadas assim, podem ser reeducadas de outra forma, e a ver seu próprio grupo étnico-racial de uma outra forma¹⁸.

Gomes afirma que o racismo brasileiro tem uma peculiaridade: a ambiguidade. É um fenômeno que se afirma através da sua própria negação. Quanto mais se nega a existência do racismo no Brasil, mais esse racismo se propaga¹⁹. O conflito de negação de identidade do negro e da discriminação sobre seu próprio grupo étnico-racial tem sua construção desde o processo da escravidão. As representações negativas do negro sobre o negro evidencia o racismo presente na sociedade brasileira, havendo um processo intenso de afirmação e negação na construção de sua identidade (Gomes, 2008).

¹⁷ Fonte: <<http://www.geledes.org.br/ela-e-negra-brasil/>>. Acesso em 12-04-2016.

¹⁸ Ibidem.

¹⁹ Fonte: <<http://www.geledes.org.br/quanto-mais-se-nega-existencia-de-racismo-mais-ele-se-propaga-diz-ministra/>>. Acesso em 13 de Abril de 2016.

3.3 Luana Soares.

É Graduada em História pela Universidade Católica do Salvador (UCSAL), integrante da CONEN- Coordenação Nacional de Entidades Negras e pesquisadora de Medicina Popular e Repressão na Década de 40 e temas relacionados ao Racismo, em especial Afetividade da Mulher Negra²⁰. Em 09 de Abril de 2014, a aba *mulher negra* publicou uma postagem, retirada do site **Blogueiras Negras**²¹, sob o título: **‘O “pente que me penteia” vêm de África: Histórias de identidade racial e afetividade**, a discussão da matéria tem como eixo norteador o padrão eurocêntrico de beleza, corpo e identidade. No texto, a historiadora fala sobre a importância da militância de mulheres negras na sua vida, que, ensinaram os caminhos da transição do cabelo liso para o cabelo natural que, na sua trajetória de vida, sempre foi um problema. Além do cabelo outros fatores são colocados quanto ao não pertencimento a um padrão de beleza, e, mesmo através do aprendizado adquirido por essas mulheres, os comentários relacionados à beleza de suas madeixas não acabaram.

Eu, enquanto uma mulher negra, gorda e Black, certamente não me encaixo neste padrão. Em especial, meu cabelo é o ponto chave deste não-padrão que vivo diariamente. Duro, pinxaim, volumoso, bombril, são alguns dos nomes pelo qual, o tipo de cabelo que tenho vem sendo chamado ao longo da história [...]²².

Sua relação com o cabelo sempre foi um problema desde a infância, quando era submetida a processos de alisamentos como uma forma de “amansá-lo” impostos por sua mãe, que via o cabelo alisado mais fácil de ser cuidado, o que a leva refletir sobre como se constrói a relação da identidade com momentos de negação e afirmação.

A questão de abordar o cabelo em si, relaciona-se com a memória. E falar em memória, nos remete ao terceiro capítulo do livro *‘A memória coletiva e o tempo’* do sociólogo Maurice Halbwachs (2003), que, trabalha com as questões de como nossa consciência individual se configura na consciência do outro por meio das representações que

²⁰ Fonte: <<http://www.geledes.org.br/o-pente-que-me-penteia-vem-de-africa-historias-de-identidade-racial-e-afetividade/#gs.MGwMkul>>. Acesso em: 04 de dezembro de 2015.

²¹ Blogueiras Negras é um site que trabalha a questão de mulheres que se interessam por questões em torno do feminismo e da negritude. O site é dividido em questões de Identidade; resistência; saúde e beleza; estilo de vida; artes e coluna, havendo as subdivisões em cada área específica, assim como vimos no quadro geral da subdivisão do *Portal Geledés/SP*. Na sua página oficial<<http://blogueirasnegras.org>> encontram-se outras informações relacionadas ao surgimento do site; equipe; agenda e contato. Blogueiras Negras foi um projeto que nasceu em março de 2012, mais precisamente no dia 8, Dia Internacional da Mulher. Desde o primeiro momento obteve o desejo de fazer referência para as mulheres de ascendência Africana e aqueles que se identificam com o feminismo e a luta antirracista das mulheres negras. Na rede social, possui uma página no (Facebook) criada em 8 de março de 2013<https://www.facebook.com/blogueirasnegras/info?tab=page_info>. Acesso em 24 de Abril de 2016.

²²Idem.

nos são impostas. Diante disso, a memória trazida pela autora do texto, refere-se ao episódio de que:

Aos 8 anos, minha mãe adoeceu. Nada grave, mas a deixou alguns meses de cama, impossibilitando que esta cuidasse do meu cabelo. Este cabelo que já havia sido modificado, reprimido, derrubado pela ação do racismo, que encontrava na figura da minha mãe, uma mulher branca, uma forma de se reproduzir em minha vida. Nesta impossibilidade de “cuidar” do meu cabelo, ela me levou ao salão do bairro, e pediu que ele fosse cortado no estilo “Joãozinho”. Lembro de sair do salão aos prantos e de ouvir improperios pelas ruas, sobre o fato de “não arrumá-lo”, em uma tentativa agressiva de me convencer, que aquela era a única forma dele não embolar²³.

Impossibilitada de cuidar do cabelo da filha por consequência da doença, Soares foi levada ao salão e teve seu cabelo cortado em tamanho curto. A representação do seu novo corte de cabelo trouxe uma experiência negativa enquanto negra e criança por questão de ouvir comentários preconceituosos sobre seu cabelo dentro do seio familiar e fora dele.

[...] Recordando esse triste episódio, me vem a cabeça diversas reflexões. Primeiro, sobre como a nossa identidade negra é tolhida desde a tenra infância e como nossas mães são ponto central disto. É nestas que repousa a responsabilidade pela maternidade [...] é ainda sobre as mulheres que a obrigação do cuidado com a prole recai. Mulheres que vivenciam uma dupla jornada de trabalho, dividindo a tensão de suprir a casa financeiramente e ainda cuidar do psicológico e auto-estima de crianças negras, que já vivenciam o racismo muito cedo²⁴.

Quando pensamos sobre a mulher em sua multiplicidade de responsabilidades, quanto à obrigação do cuidado do lar, sendo complicada principalmente, quando vivenciam uma dupla jornada de trabalho, nos remetemos aquilo que a historiadora Mary Del Priori (2013) afirmou quanto ao diagnóstico das revoluções femininas até o século XX, apontando que além de conquistas, existem as armadilhas. Se formos refletir sobre algumas questões que relacionam à mulher, no que concerne à aparência, trabalho e família, perceberemos que ao mesmo modo que ajudou a conquistar independência, a profissionalização trouxe também estresse, fadiga e exaustão.

No decorrer do movimento das mulheres negras as reivindicações se tornavam distintas numa perspectiva em relação ao Movimento Feminista. A mulher negra já vivenciava a exaustão desde o período do pós-abolição quando recaia sobre a mulher, a busca pelo direito à cidadania; por emprego e pelos cuidados dos filhos.

Luana afirma que a partir da ajuda de suas companheiras enxerga naquele novo cabelo a afirmação do que ela é, e a começar cuidar dele como um sinal de transformação, de encontro com esta identidade que a foi negada na infância. A afirmar que o cabelo crespo é

²³ Idem.

²⁴ Idem.

um elemento constituidor da identidade negra, nos cabe refletir a partir do que Gomes (2008) afirma:

Assim, julgar que por ser negra uma pessoa só possa adotar penteados e estilos de cabelos pautados em padrões estéticos socialmente considerados “afros” revela inflexibilidade, intolerância e a negação do direito à escolha. Além disso, demonstra uma leitura linear sobre o processo de construção de identidade negra numa sociedade complexa marcada, entre outras coisas, por intensa heterogeneidade estética. (GOMES, Nilma Lino, 2008, p.178).

3.4 Reformando a boneca *Barbie*

No artigo “*Posturas e interfaces do nosso cotidiano: Feminismo, Igualdade e reconhecimento*” Crispiniano; Queiroz (2015) trazem um relato retirado da rede social *Facebook*, o reconhecimento de ser negro. Vejamos:

Sempre desejei que meus filhos soubessem que o valor deles independe de cor ou posição social, uma vez que são negros e pobres. Por isso quando minha menina contou-me que um garoto na escola disse que ela era feia porque era negra, minha primeira pergunta foi: Minha filha, você gosta de ser negra? Minha pequena de apenas sete anos na época, pensou demorado e respondeu que não sabia. Mas eu sabia bem o que aquilo significava, se eu como mãe não ajudasse minha pequena a compreender que ser negra não era demérito nenhum, onde aprenderia? Então comecei em casa um "trabalho" com meus filhos, chamei meu filho (que é mais clarinho) e mostrei no espelho que ele tinha nariz largo, lábios grossos, e embora seu cabelo não fosse tão crespo quanto o da irmã, ele era tão negro quanto ela. Meu filho ficou chocado, e eu também, pois ele de fato não sabia que era negro! A Barbie Afro foi só parte de meu trabalho de mãe, pra corrigir o que a sociedade ensina e/ou deixa de ensinar a meus filhos. Tenho a grata satisfação de dizer que já não me preocupo se meus filhos vão sofrer preconceito lá fora, porque eu sei que lá dentro deles, agora sabem quem são e gostam disso!



Figura 1 Formulação da boneca Barbie²⁵.

²⁵ CRISPINIANO; QUEIROZ, 2015.

Em decorrência do preconceito sofrido por sua filha na escola, foi produzida uma reformulação da boneca Barbie que tinha como o único padrão de beleza: pele clara, cabelos lisos e loiros, rosto e nariz afilados, magra e alta. Primeiramente, com a ajuda de sua filha picotou o cabelo da boneca e começou a transformação de um novo padrão de beleza, utilizando: cola, maquiagem, retalhos e cabelo sintético, nascendo assim a Barbie Afro. Resultando o reconhecimento de ser negra pela sua filha (CRISPINIANO; QUEIROZ, 2015).

No contexto da diversidade étnico-racial, dilatar as dificuldades que nos aparece, estimulando crianças e jovens a compreenderem o contexto histórico sobre a construção de sua identidade se torna necessário, pois tal como GOMES (2003, apud Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007, p. 21) afirmou “A escola é um dos espaços socioculturais em que as diferentes presenças se encontram”.

3.5 Revistas *Claudia*- 1961 e 2015.

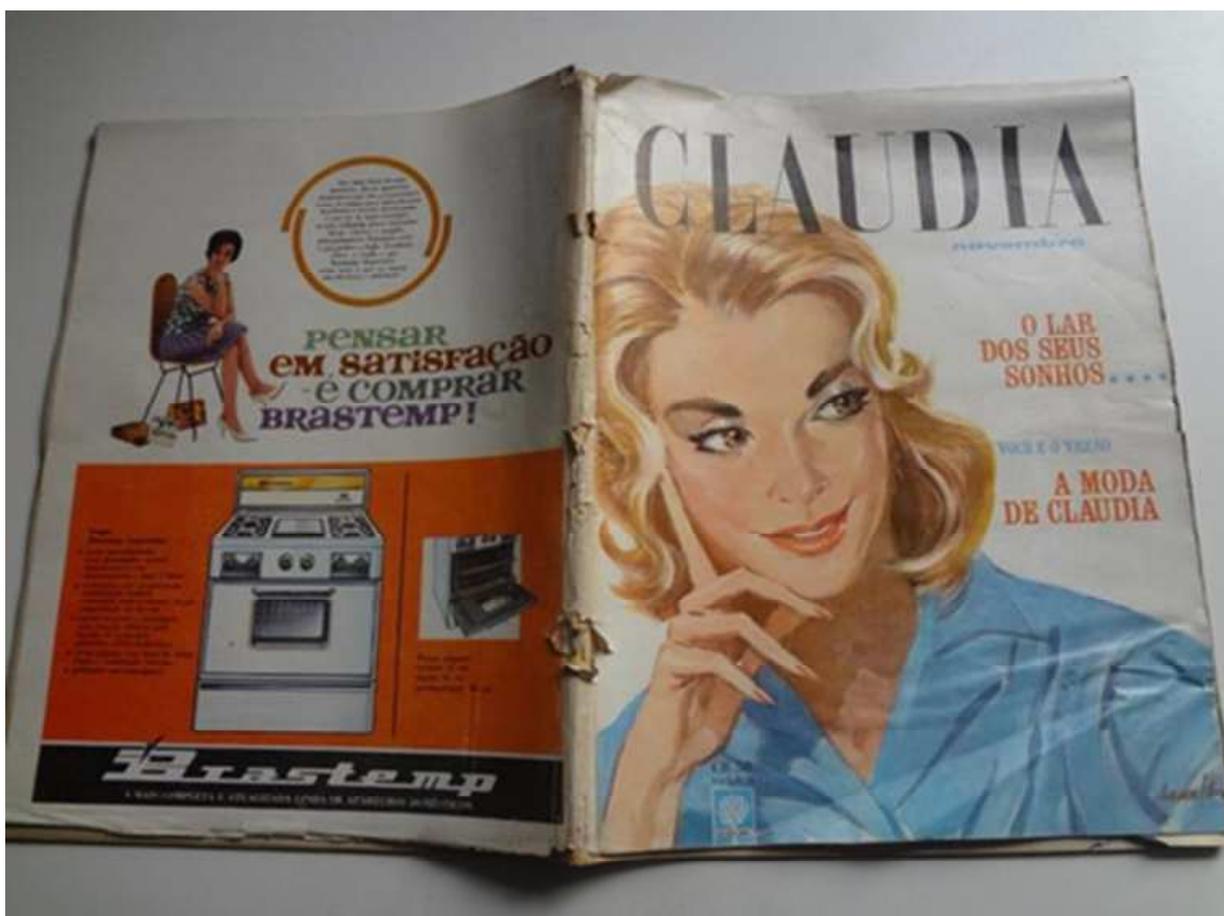


Figura 2 Revista Claudia N° 2 Ano 1 Novembro De 1961²⁶.

²⁶ Fonte: <<http://produto.mercadolivre.com.br/MLB-684600525-revista-claudia-n-2-ano-1-novembro-de-1961-JM>>. Acesso em 10 de Outubro de 2015.

A revista colocada acima traz em sua capa, assuntos que envolviam a mulher e o lar, assim como a moda, imposta a partir da imagem de uma mulher branca, loira, cabelos lisos, olhos claros, com a pele maquiada; na sua contracapa, se tem a figura de uma mulher magra, com cabelo curto, vestindo uma saia acima do joelho e com a mão no queixo, provavelmente pensando na escolha e satisfação na compra dos eletrodomésticos, tal como é colocada na frase dentro do círculo em laranja: “*Sou uma dona de casa moderna. Quero aparelhos domésticos que me proporcionem sobra de tempo para meus deveres familiares e sociais [...]*”, faz com que nós percebamos, os discursos que circundavam as mulheres de classe média alta naquela época.

No Brasil, nos anos 1960, especificamente em 1961, temos o surgimento da revista *Claudia*, com o slogan “*a revista amiga*”, a primeira revista feminina brasileira, que teve, ainda, que lidar com a explosão do feminismo em meados dos anos 1960. A revista *Claudia* era apontada como a primeira grande revista feminina a circular pelo país, nos primeiros anos das publicações da revista, as matérias estavam relacionadas nos quesitos: casamento, família e os novos aparelhos eletrodomésticos, o que de uma forma geral, relacionava a mulher à esfera do lar. No entanto, em 1963, a revista começa abrir espaço para abordagens diferentes das anteriores, se tem o surgimento da coluna “*A arte de ser mulher*²⁷”, que relacionava matérias sobre a sexualidade feminina, o que gerava contestações por parte de suas leitoras (PORTILHO, 2008).

As contestações das leitoras e das mulheres sob a *Revista Claudia* se relacionavam pelos assuntos polêmicos abordados. Na década de 60 da segunda metade do século XX, as reinvidicações impostas em torno dos movimentos feministas não incluíam a vida sexual da mulher, mas: direito ao voto; melhorias no espaço de trabalho. Sobretudo, mesmo com esses pequenos avanços quanto à abordagem da mulher na revista *Claudia*, ainda prevalecia em na maioria de seus conteúdos: o campo doméstico e familiar (PORTILHO, 2008).

²⁷Em 1963, *Claudia* lança a psicóloga Carmen da Silva na coluna “*A arte de ser mulher*”, que tratava de assuntos considerados polêmicos e inovadores naquele tipo de veículo” (BASSANEZI, 1996 apud BUITONI, 1990 apud PORTILHO, 2009, p. 8).



Figura 3 Revista Claudia Nº 12 Ano 54 Dezembro De 2015²⁸

Ao nos referimos à mulher negra na revista, temos aqui, a revista *Claudia* do mês de Dezembro de 2015, que lançou a *Edição-Manifesto* por menos ódio, violência e intolerância, com a Maria Júlia Coutinho estampada na capa, sendo chamada ‘Maju’. Analisando a capa, podemos observar que as matérias em destaque se referem a Maju e a outras mulheres que contribuíram para transformar nossa visão de mundo em 2015; as dez atitudes impostas pela *Claudia* para vencer o que a Edição-Manifesto propõe; matéria vinculada à moda; assim como a *hashtag* primeiro assédio²⁹. Na contracapa, temos a imagem da modelo Gisele Bündchen, que traz uma beleza voltada ao padrão europeu, fazendo a propaganda de uma coleção de jóias.

O intuito de colocarmos essa revista pauta-se na repercussão que as ofensas racistas nas redes sociais que recaíram sobre a jornalista do tempo do Jornal Nacional. *Maju* enquanto mulher negra, assim como tantas outras que detém sua própria independência e que transpõem uma estética na qual expõe uma identidade africana, trouxe um incômodo à mídia. *Maju* descobriu o racismo na infância, como veremos a seguir:

²⁸ Arquivo pessoal.

²⁹ A *Hashtag* primeiro assédio foi criada em 2015 e teve como intuito repassar nas redes sociais as experiências que algumas mulheres já tiveram quanto ao assédio.

[...] Quando tinha 6 anos [...] Uma garota me encarou para dizer: Você tem tudo preto na vida. Seu cabelo, seu carro, sua casa? E, olhando para outras crianças, determinou: Não brinquem com ela, porque tudo nela é preto [...]”³⁰ (Revista Cláudia, nº 12, ano 54, p. 114). Novamente, entramos no debate que se fez presente no desenvolvimento deste capítulo sob a importância trazida pela Lei 10.639/2003 no seio escolar. Maju se interligava com as mulheres negras abordadas neste capítulo quando se refere o contato com o racismo enquanto criança.

Aos processos de negação e afirmação, *Maju* nos diz que, “[...] Por anos, me submeti a um rito para ser aceita: esquentava no fogão um pente de metal e alisava o cabelo. Fora dos pequenos círculos, era difícil assumir a identidade. Precisa coragem para usar o crespo, símbolo de estar à margem” [...]”³¹. Através dessa afirmação dita pela jornalista, percebemos aquilo que Gomes (2008) nos diz quando a rejeição/aceitação, negação e afirmação perpassa a vida da mulher negra:

Na construção da sua identidade, na sociedade brasileira, o negro, sobretudo, a mulher negra, constrói por meio de um aprendizado que incorpora um movimento tenso de rejeição/aceitação, negação/afirmação do corpo” (GOMES, 2008, p.234).

Com a abordagem da primeira revista *Claudia*, do ano de 1961 e da segunda abordagem, do ano de 2015, tivemos como intuito promover a discussão, no primeiro momento, compreender de como eram abordados os temas numa época em que o movimento feminista começava a se fundir, tendo como suas matérias vinculadas ao meio familiar; No segundo momento, utilizamos a *Edição- Manifesto* com a finalidade de colocar o debate sobre a questão de gênero e racial na atualidade. Tais questões tornam-se norteadoras desde o início desse capítulo, assim como evidenciar a beleza negra na capa da revista.

3.6 Poema

Victoria Eugenia Santa Cruz Gamarra, artista peruana, poetisa, coreógrafa, desenhista, estilista, multi-artista, declama seu poema “*Gritaram-me negra*” em referência à experiência de preconceito vivida ainda criança dentro de um grupo de amigos que a expulsaram simplesmente por ser negra³². Fazendo uma crítica aos acontecimentos que nortearam sua

³⁰Revista Claudia matéria especial MAJU (Nº 12, ANO 54, p. 114).

³¹ Idem.

³² Fonte: <<http://www.afreaka.com.br/notas/victoria-santa-cruz-forca-de-uma-voz-afro-peruana/>>. Acesso em 12 de Abril de 2016.

infância, assim como o seu reconhecimento quanto ser negra, fica exposto nos recortes seguinte, seu poema:

“Me gritaram negra” - Victoria Eugenia Santa Cruz Gamarra.

<i>Tinha sete anos apenas,</i>	<i>E como pesava!...</i>
<i>apenas sete anos,</i>	<i>Alisei o cabelo,</i>
<i>Que sete anos!</i>	<i>Passei pó na cara,</i>
<i>Não chegava nem a cinco!</i>	<i>e entre minhas entranhas sempre ressoava a mesma</i>
<i>De repente umas vozes na rua</i>	<i>palavra</i>
<i>me gritaram Negra!</i>	<i>Negra! Negra! Negra! Negra! [...]</i>
<i>Negra! Negra! Negra! Negra! Negra! Negra!</i>	<i>Até que um dia que retrocedia , retrocedia e que ia</i>
<i>Negra!</i>	<i>cair [...]</i>
<i>"Por acaso sou negra?" – me disse</i>	<i>De hoje em diante não quero</i>
<i>SIM!</i>	<i>alisar meu cabelo</i>
<i>"Que coisa é ser negra?"</i>	<i>Não quero</i>
<i>Negra!</i>	<i>E vou rir daqueles,</i>
<i>E eu não sabia a triste verdade que aquilo</i>	<i>que por evitar – segundo eles –</i>
<i>escondia.</i>	<i>que por evitar-nos algum disabor</i>
<i>Negra!</i>	<i>Chamam aos negros de gente de cor</i>
<i>E me senti negra,</i>	<i>E de que cor!</i>
<i>Negra!</i>	<i>NEGRA</i>
<i>Como eles diziam</i>	<i>E como soa lindo!</i>
<i>Negra!</i>	<i>NEGRO</i>
<i>E retrocedi</i>	<i>E que ritmo tem! [...]</i>
<i>Negra! [...]</i>	<i>Afinal compreendi</i>
<i>E odiei meus cabelos e meus lábios grossos</i>	<i>AFINAL</i>
<i>e mirei apenada minha carne tostada</i>	<i>Já não retrocedo</i>
<i>E retrocedi</i>	<i>AFINAL</i>
<i>Negra! [...]</i>	<i>E avanço segura</i>
<i>E passava o tempo,</i>	<i>AFINAL</i>
<i>e sempre amargurada</i>	<i>Avanço e espero</i>
<i>Continuava levando nas minhas costas</i>	<i>AFINAL[...]</i>
<i>minha pesada carga</i>	<i>Negra sou!</i>

O poema acima representa bem as situações às quais as negras eram submetidas na sociedade. Em um primeiro momento, ela passa a odiar suas madeixas e os lábios grossos que portava, assim como passa a utilizar procedimentos para ser aceita na sociedade, tais como: alisar o cabelo e clarear a pele, mas que mesmo assim, continuava sendo chamada de negra. Sobre tantos momentos de negação, ser chamada de negra passou a ser símbolo de orgulho, o que nos leva a aceitação/afirmação que tanto Gomes (2008) expõe.

No decorrer do capítulo trouxemos a discussão de uma das Ongs formadas pelas mulheres negras na década de 1980, dialogando com o interesse das temáticas de gênero e racial das mulheres negras selecionadas sob análise de seus discursos e pela influência de seus escritos. A partir das outras fontes utilizadas, compreendemos neste trabalho um diálogo que interligava a infância com o contato do racismo, sobretudo, na escola. Nesse sentido, a vida pessoal e o campo profissional se fez presente na construção de sua identidade sob momentos tensos de afirmação e negação.

4 CAPÍTULO III - IDENTIDADE, CORPO E BELEZA

“... a identidade feminina é hoje, antes de tudo, um projeto em construção...”
(CARNEIRO, 1989 apud Caderno Geledés IV, 1993, p. 09).

A identidade construída sobre e pela mulher perpassa vários tempos históricos, as mudanças nos discursos criam e recriam nossa identidade. Em seu artigo “*Quem precisa de identidade*”, o jamaicano Stuart Hall (2000) afirma que a “identidade” é um dos conceitos chave mediante a desconstrução, “sob rasura”.

O objetivo desse capítulo é compreender, de um modo geral, como resultou a construção e desconstrução da identidade da mulher sob os aspectos das representações em cada tempo histórico e, posteriormente, a identidade da mulher negra na contemporaneidade a partir das imagens colocadas, evidenciando uma discussão que se enquadra na constituição da beleza negra e, sobretudo, na influência da cultura africana interferindo na nossa representação.

Na pré-história a mulher estava associada à figura materna e o discurso sobre seu corpo como símbolo do que é belo foi sendo caracterizado pelos quadris largos possuídos, sua representação ligava-se à maternidade, como prova disso, temos a representação da Vênus de *Willendorf*³³; Na Antiguidade clássica, notamos a mulher sendo representada pelos seus atributos estéticos, carregando em si, uma sensualidade, trazendo uma visão harmoniosa sobre seu corpo; na Idade Média, a beleza colocava a mulher com a imagem e semelhança ao *Diabo*, pois, segundo Lipovetsky (2000, apud BRAGA, 2013, p.59) “o corpo da mulher assumia o corpo do demônio, lugar do pecado: “porta do diabo, poder tentador”; Na Idade Moderna, a representação da mulher é construída pelo corpo e pela beleza, visto que, o nu em si, impregnava um discurso entre a comparação da mulher com a *condição de anjo*, caracterizado pelo Renascimento, fato que desconstruiu a representação associada ao *diabo* na Idade Média (BRAGA, 2013). As identidades adquiridas ao longo do tempo histórico sobre a representação da mulher, nos levam, a concepção de Hall (2000) “As identidades são, pois, pontos de apego temporário às posições-de-sujeito que as práticas discursivas constroem para nós” (HALL, 1995, apud HALL, 2002, p. 112).



³³ A Vênus de Willendorf é uma estatueta com 11,1 cm de altura, sua representação é colocada com o corpo exagerado tanto nos seios quanto aos quadris, entendia-se que ter um corpo ‘farto’ era tido como símbolo de procriação para as mulheres.

4.1 A construção da identidade da mulher negra

Braga (2013) afirma, “Se queremos entender um tanto sobre a representação da beleza negra atual, esquecer os olhos sob a história de uma estética africana em tempos de Brasil escravocrata é o primeiro passo”(BRAGA, 2013, p. 55). A partir dessa afirmação, formulamos dois questionamentos: o primeiro, se refere a entender o motivo de vedar nossos olhos sobre a estética negra no período supracitado; o segundo, saber em qual período poderemos lançar nosso olhar retrospectivo, para entender a representação de uma beleza negra atual.

Na construção de uma identidade nacional, o campo literário nos fornece indícios do que viria a ser representado o povo brasileiro. Através de obras literárias, citemos *Iracema*, de José de Alencar, 1865; *O mulato*, de Aluizio de Azevedo, 1881; *Macunaíma* de Mário de Andrade, 1928 e *Casa grande e senzala* de Gilberto Freire, 1933, todos tidos como símbolos das representações do que viria a ser o brasileiro³⁴.

No período escravocrata, no interior daquele sistema, estava posta, na negra, uma representação sobre a construção de sua identidade, pautada, também pelo o reconhecimento do seu corpo, quanto aos serviços sexuais. Nesse sentido, as particularidades do corpo, a partir das descrições feitas sobre quadril, seios, cabelo, tom de pele, as submetiam aos anúncios de jornais de vendas de escravos na época (BRAGA, 2013).

Nesse sentido, olhar a estética da mulher negra atual sobre o período escravocrata, faria com que estivéssemos vendando nossos olhos frente às políticas afirmativas e os espaços construídos alcançados pela mulher negra, no cenário brasileiro, sobretudo, a partir da segunda metade da década de 80 do século XX, no cenário brasileiro, a qual nos traz a Constituição Brasileira; e sobretudo, o cenário da globalização.

Stuart Hall (2014) afirma que quanto mais a vida social se torna mediada pelo cenário global, mais nossas identidades tornam-se fluidas, e, por sua vez, nos coloca em confronto com identidades diferentes, que interferem em diferentes partes de nós (HALL, 2014).

Na construção de sua identidade, a mulher negra vivenciou e presenciou experiências distintas das mulheres brancas, isso se esclarece desde o período escravocrata, ao pós-abolição, assim como na diferenciação das reivindicações em torno da mulher e da mulher

³⁴O contexto foi colocado com base numa apresentação de Power Point, intitulado como ‘*As questões étnico-raciais*’ da professora Mst. Rozeane Albuquerque Lima. Aula de estágio supervisionado II. (UEPB) 2015.

negra na ótica dos movimentos sociais, as distinções acontecem tanto no processo de história de vida; quanto ao meio social que estavam inseridas.

Nosso olhar retrospectivo se dá a partir da derrocada do Movimento Negro Unificado (MNU), criado em 1978. Sobretudo, as mulheres negras ganham espaços na sociedade, colocando a questão de gênero e racial interligadas, com base em um discurso diferenciado que era provido pelo Movimento Negro e Movimento Feminista, fortemente a partir da segunda metade da década de 80 do século XX.

A constituição da beleza negra como símbolo da identidade se pauta por duas questões principais: *corpo e cabelo*, tal como Gomes (2008) trabalhou no seu livro sobre os aspectos do campo político, social, simbólico e identitário, ou seja, esse conjunto de aspectos são postos a partir desses dois símbolos: o *corpo e o cabelo* que adquirimos. Em suma:

Os conceitos de beleza negra – igualmente rarefeitos – estão respaldados pela história, mas também atravessados pelos discursos da mídia, da moda, do mercado, da política, do consumo, da globalização [...] eles estampam as capas da revista, as páginas da internet, ganham as ruas, as passarelas, os programas da TV, os debates políticos (BRAGA, 2013, p.176).



Figura 4 Capa da 'Playboy' de janeiro de 1979³⁵

A capa da Playboy de janeiro de 1979, traz a modelo americana Darine Stern (1948-1994), que foi a primeira mulher negra estampada na capa da revista, sentada na cadeira que transpõe o símbolo da PlayBoy³⁶. Na capa, ao lado esquerdo, percebemos manchetes que envolvem os discursos sobre: a trajetória ilustrada do sucesso de uma revista do grande público masculino; transpõe também, entrevista; e um concurso na qual o ganhador, teria que procurar uma garota “bem sensual” como é colocado na capa, para que conseguisse o primeiro lugar. No entanto, o que nos interessa a ser trabalhado na capa exposta, diz respeito às três manchetes ao lado direito: a primeira, relacionada à comemoração pelos vinte e cinco anos da revista; a segunda, sobre as mulheres mais desejadas do mundo nos últimos vinte e cinco anos, dentre elas, tal como é abordado no interior da revista, estão presentes: *Brigite*

³⁵ Fonte: <<http://garotadaplayboy.blogspot.com.br/2012/01/palyboy-darine-stern-janeiro-1979.html?zx=eb008850d4358bf6>>. Acesso em 12 de Abril de 2016.

³⁶ Playboy é uma revista de entretenimento erótico direcionada para o público masculino.

Bardot; Ursula Andress; Jayne Mansfield; Marilyn Monroe e Veruschka; e na terceira manchete, a imagem de *Candy Loving*no pôster central.

No interior da revista, ao ver esses nomes e ao comparar com o nome de quem está na capa, percebemos que a única mulher negra, é a americana *Darine Stem*, com seu cabelo black e que, por sua vez, quando se trata das mulheres mais desejadas do mundo, o padrão de beleza que sobressai, diz respeito à mulher branca, com rosto afilado, magra, de cabelos lisos ou ondulados.

Falar em corpo e cabelo nos remete aos padrões de beleza. A beleza ainda se submete aos padrões etnocêntricos, sendo construída de uma forma homogênea com o padrão europeu. A identidade da mulher negra vai sendo construída por um tenso movimento que passa por negação e aceitação, carregando valores negativos ou positivos na sua construção (GOMES, 2008).

Dos momentos de negação/afirmação que transpõe ao longo da trajetória de vida da mulher negra, os discursos que são construídos sobre os símbolos de sua identidade negra, são muitas vezes estereotipados. Nesse sentido, a partir dos discursos colocados a seguir, possivelmente algum deles esteve presente no processo de formação da identidade da mulher negra.

Nossa...

Que lábios grossos você tem!

Que pele escura você tem!

Que quadril largo você tem!

Que cabelo 'bombril', 'duro', 'feio' você tem!

Nesse sentido, Gomes (2008) aborda um relato de uma auxiliar de enfermagem:

[...] Uma coisa que eu não aguentava em mim era a minha boca, eu achava que ela era muito grande, meus lábios muito grossos, principalmente quando a gente é criança, parece que tudo sobressalta, principalmente a boca, quando a gente é criança, é maior, mas quando a gente vai crescendo, vai virando mocinha, a gente ia vendo que aquela boca está se transformando [...] (V, apud, GOMES, 2008, p. 229).

Figura número 05- Lupita Nyong'o – Lancôme – L'Absolu Rouge @ Divulgação³⁷



Figura 5 Lupita Nyong'o – Lancôme – L'Absolu Rouge @ Divulgação³⁸

[...]Hoje, passo batom vermelho, sem economia, nessa minha boca beijuda, sem botox! Minha boca é linda. Nossas bocas são lindas, nossos beijos desejados e imitados. Verdade seja dita [...] se o céu é do avião, beijo e bunda são coisas de negros! (SILVA, 2007, p. 34, apud BRAGA, 2013, p.195).

A figura acima representa uma campanha da revista Lancôme PARIS, do ano de 2014, que traz a linha 'L'Absolu Rouge' com à Lupita Nyong'o na foto de divulgação. Vemos que o que esta sendo colocado em jogo aqui diz respeito ao novo produto de cosmético, comprado e desejado por muitas mulheres: o batom. Nesse sentido, esta sendo divulgada a linha 'L'Absolu Rouge' e sendo colocado nos lábios grossos da mulher negra, somadas à beleza estampada no cabelo curto e crespo, aumenta de fato seus lábios, assim como traz sensualidade na fotografia, pois a atenção se concentra na boca volumosa desejada por muitas mulheres.

³⁸ Fonte: <<https://mondomodora.org/2014/11/09/lupita-nyong'o-na-campanha-da-lancome/>>. Acesso em 15 de Abril de 2016.

Quando voltamos para o relato que Gomes (2008) aborda, anterior à imagem, e à citação colocada abaixo da imagem, percebemos que, os lábios grossos carregados pelas mulheres negras, tornam-se símbolo de desejos. No primeiro momento, temos um relato de infância que traz a negação por parte do sujeito, e no segundo momento, temos a afirmação de uma mulher adulta e negra, que consegue usufruir de uma aceitação.

O corpo é uma linguagem que carrega dentro de si suas particularidades, o cabelo; a boca; o modo que nos vestirmos é vivido e visto em cada cultura de forma diferente. Nesse sentido, um dos signos que se tem mais visibilidade em nosso corpo, é o cabelo, pois sua simbologia difere de cultura pra cultura, obtendo um modo particular de se ter uma representação de identidade (GOMES, 2008).

O cabelo sempre foi sinônimo de linguagem, sendo uma riqueza para o africano, pois, desde o surgimento da civilização africana, o estilo que as pessoas usavam, seria como símbolo para identificar seu pertencimento à identidade étnica, seus status social, seu estado civil e sua origem geográfica (BRAGA, 2013).

No entanto, optar por enfatizar um nível de identidade entre os vários fornecidos pela organização social tradicional, denota que todos têm traços que os tornam uma identidade étnica, assim como o conteúdo cultural das dicotomias étnicas aparecem em: traços que as pessoas procuram e exibem para demonstrar sua identidade, tais como o vestuário, a língua, a moradia, ou o estilo de vida. Logo, as diferenças culturais podem permanecer apesar do contato inter-étnico e da interdependência dos grupos (BARTH, 1988).

Lançando um olhar para o signo que traz mais visibilidade ao nosso corpo, o *cabelo*, podemos observar na primeira imagem colocada nesse capítulo, a forma como *Darine Stern* se representa na capa da PlayBoy, portando um cabelo *Black Power*, o que difere do cabelo curto, crespo e moderno usado pela Lupita Nyong'o, na revista Lancôme PARIS.

O cabelo *Black Power* representado por Darine Stern, no ano de 1978, nos remete aos padrões que estavam sendo impostos como 'moda' naquela década, carregados pelo conceito político a partir da década de 1960, pelos negros como movimento de contestação. O cabelo *Black Power*³⁹ é um cabelo em cortes redondos ou quadrados e que possuem uma textura

³⁹ O movimento dos Panteras Negras nos Estados Unidos e o Movimento de Consciência Negra na África do Sul, nas décadas de 60 e 70, rejeitaram os padrões estéticos colocados como norteador: *o padrão europeu* e exaltaram a beleza africana, através dos traços físicos que remetiam suas marcas identitárias. Assim como construíram estratégias políticas que tinham como intuito combater todo o racismo colocados sobre eles.

como um “crespo natural”, ou seja, cheio. Logo, atribuir ao cabelo crespo um símbolo de beleza, evidencia uma luta anti-racista retirando o negro do estigma de inferioridade (GOMES, 2008).

“Os padrões desfazem-se em diversos outros, que nascem de outros discursos, que carregam novos sentidos, que constroem novas identidades”(BRAGA, 2013, p. 207), assim como se reconstituem como surgimento para uma nova identificação. Tal como Del Priore (2013) afirmou, no início do século XXI, a mulher acaba se colocando à serviço do próprio corpo e a mídia passa a definir padrões de beleza.

Nesse sentido, no trecho da música seguinte, Sandra de Sá traz uma crítica na música “*Olhos coloridos*” sobre as discussões que se constituíram até o momento desse capítulo, como podemos ver a seguir:

Os meus olhos coloridos
Me fazem refletir
Eu estou sempre na minha
E não posso mais fugir...
Meu cabelo enrolado
Todos querem imitar
Eles estão baratinado
Também querem enrolar...
Você ri da minha roupa
Você ri do meu cabelo
Você ri da minha pele
Você ri do meu sorriso...
 [...]

Na primeira estrofe da música, podemos refletir sobre os muitos silenciamentos que já fizeram presentes no decorrer da vida da mulher negra, quando estes, vinculam-se sobre os olhares negativos quanto à sua corporeidade. Na segunda estrofe, se tem uma reflexão, quanto à relação do *cabelo*. E os processos de transição que muitas mulheres passam. Nos versos da terceira estrofe, é colocado o *riso* tanto em relação à vestimenta provida de uma cultura africana, quanto ao corpo e suas particularidades, neste caso: o cabelo; a cor da pele e o sorriso. O *cabelo* sendo como um divisor de águas, que nos leva a uma negação ou a uma

As tratarmos sobre a influência africana na estética, citemos aqui um projeto colocado em vigor no ano de 2011, intitulado como ‘*Turbante.se*’, criado pela designer Thaís Muniz em entrevista ao *Jornal Correio*⁴⁰. Designer, diretora criativa e de projetos ligados ao design, arte, cultura, moda e comportamento, suas pesquisas, giram em torno da representação do turbante e sua relação com a cultura afro-brasileira experimentando através da estética, Thaís afirma que sua persistência nesse trabalho tem como intuito o empoderamento das mulheres negras e da cultura africana, e sobretudo, seu desenvolvimento quanto mulher e quanto mulher negra.

O turbante para muitos é símbolo de cultura e beleza negra, mas esse acessório, repleto de significados e funções faz parte da cultura africana e brasileira. O turbante consiste em uma grande tira de pano enrolada sobre a cabeça, na qual existem várias formas de amarração e cada uma delas representa uma espécie de linguagem popular. Vejamos a imagem a seguir:

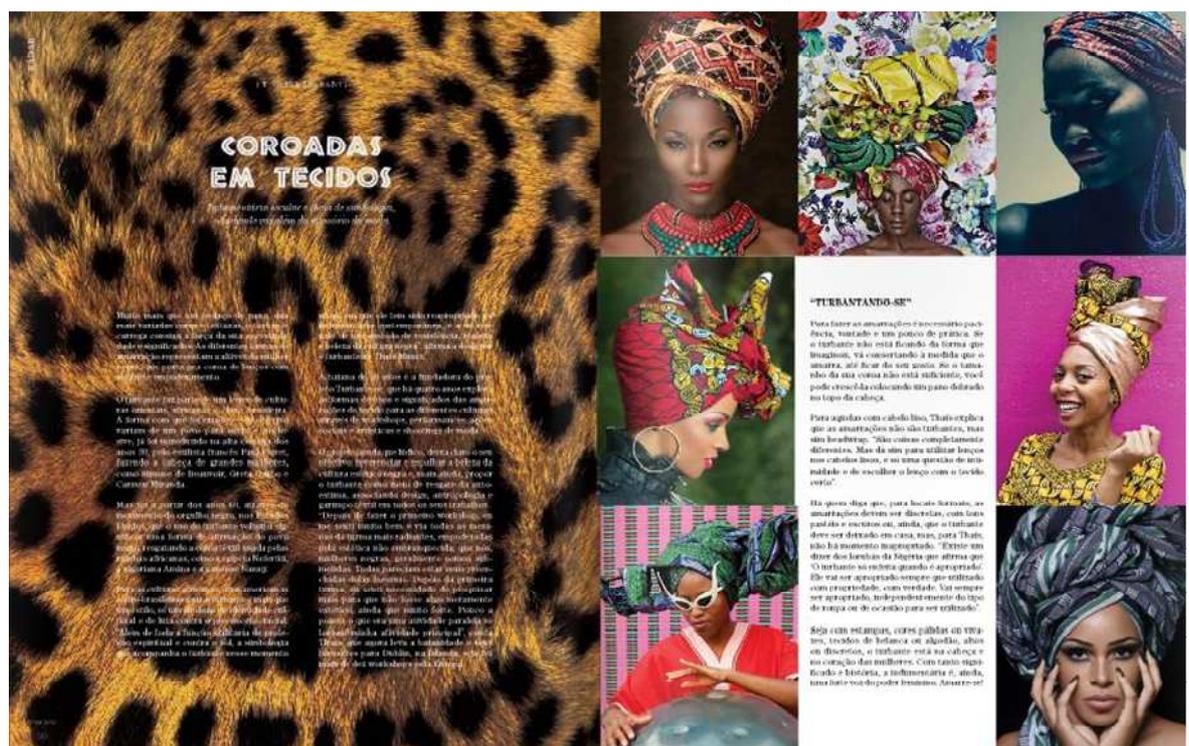


Figura 7 Andrea Velame nº 19. Salvador, Bahia. Brasil⁴¹

⁴⁰ Fonte: <<http://www.turbante.se/>>. Acesso em 24-01-2016.

⁴¹ Fonte: <<http://andreavelame.com.br/revistas/conceito-av-19/>>. Acesso em: 13 de Abril de 2016.

A imagem colocada, refere-se às páginas (50 – 51), da revista *Conceito AV*. A página 51, colocado como título: “*Coroadas em tecidos*” traz uma discussão de que o turbante não se refere apenas a uma amarração de panos, mas o que existe por traz dessa amarração, significados que remetem à origem africana. Na página 51, o turbante é representado a partir de sete mulheres que, além de apresentar traços diferentes quanto à sua identidade negra, apresentam também vários tipos de amarrações. No quadro em branco, o texto nele posto, ensina a amarrá-los e a colocá-los do tamanho desejado, assim como as dicas para as mulheres que portam de um cabelo liso; e o ‘abuso’ das cores nas estampas para chamar atenção.

Em suma, vale a concepção de Costa e Silva:

Costa e Silva (2010) nos dirá que a maneira como estavam colocados tais panos oferecia a possibilidade de uma identificação sobre a origem africana, de modo que o turbante, bem como cabelo ou as marcas tribais, eram signos, na verdade, de uma identidade africana (Braga, 2013, p. 208).

“A linguagem dos panos – mais precisamente, suas diferenças simbólicas – desvelava, portanto, mais que uma preocupação estética, mas também uma marca identitária” (BRAGA, 2013, p. 104). No entanto, o turbante é símbolo de uma identidade africana, que ultrapassa apenas do ‘pano bonito, lenço bonito’, para um desfazer-se de histórias, tornando-se então, um reconhecimento e uma luta na valorização e respeito à cultura africana.



Figura 8 Andrea Velame nº 19. Salvador, Bahia. Brasil.

Na imagem colocada acima, refere-se às páginas (68 – 69) da revista *Conceito AV*. Na imagem colocada, ao lado esquerdo temos o título “*Alma Africana*” que se interliga com a fotografia da página ao lado. A mulher negra exposta, traz em si, uma multiplicidade de adereços, com cores misturadas que dão visibilidade ao seu corpo. O cabelo curto e crespo com seus lábios grossos também se tornam símbolos de identificação.

A beleza pode ser, então, entendida como uma categoria estética e construção social, como uma maneira de nos relacionarmos com o mundo. Ela não tem a ver com as formas, medidas, tonalidades [...] que definem algo como belo. Sendo assim, beleza não se refere às qualidades dos objetos [...] diz respeito à forma como nos relacionamos com eles, por isso ela é a relação entre o sujeito e objeto (DUARTE, JR., 1998, apud, GOMES, 2008, p. 281).

A influência da África na estética se expressa nas vestimentas, nas estampas e nos adereços (acessórios) que englobam: as pulseiras, os colares e as sandálias, por exemplo. Em suma, por trás de cada gesto e a estética colocada, nos mantém ligado à ancestralidade africana.

Neste tópico intitulado como ‘*Atributos africanos na representação de uma consciência individual*’ fizemos uma breve abordagem no que concerne à beleza africana na nossa representação a partir de 3 imagens colocadas e discutidas como nos relacionamos com a estética africana.

5 CONCLUSÃO

Concluir um trabalho não é fácil, principalmente quando este trabalho interliga um pouco da sua vida no seio das questões abordadas. O desenvolvimento do presente trabalho se tornou um exercício desafiador pelo fato de que, as fontes não estiveram delimitadas desde a primeira ideia da produção da monografia. A busca por elas se tornou um trabalho árduo, sendo selecionadas a partir das leituras e dos movimentos de escrita no decorrer dos capítulos.

Conforme salientamos no primeiro capítulo deste trabalho, ao trazer uma breve história dos movimentos gerados por cada movimento social: Movimento Negro, Movimento Feminista e o Movimento Negro Feminista, podemos compreender os discursos e medidas que cada movimento social aborda no tempo presente, o que nos levou a entender por qual motivo só a partir da década de 1970 foram instituídos no cenário brasileiro. Entendo que os tópicos colocados no capítulo I foram discutidos sob um breve conceito histórico, o que necessitaria de uma abordagem detalhada para uma compreensão mais discursiva.

No segundo capítulo, trouxemos discussões a partir das diversas fontes em torno das questões de gênero e racial no nosso tempo presente. O ‘Deixe o meu ‘Fua’ em paz!’ fez relação com as fontes selecionadas do Portal Geledés/SP, interligadas com a Revista Claudia. Nesse sentido, foram abordados mulheres negras que possuem um alto grau de escolaridade, todas possuindo sua profissão e influência na mídia por emponderar também, outras mulheres.

No último capítulo, entendemos como foi sendo construída de uma forma breve, a identidade da mulher negra por meio da discussão em tono de publicações através da mídia: o corpo, cabelo e boca, que se transformaram em debate teórico para compreensão de como a imagem da mulher negra é construída na atualidade.

REFERÊNCIA

- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva & Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.
- ALVES, B. M.; PITANGUY, J. **O que é feminismo**. Coleção Primeiros Passos. São Paulo, v. 1, 1981, p. 80.
- PONGE, Robert. **1968, dos movimentos sociais à cultura**. Organon (UFRGS), v. 23, p. 39-55, 2009.
- Melo, Margareth Maria de. **Gerando eus, tecendo redes e trançando nós: ditos e não ditos das professoras e estudantes negras nos cotidianos do curso de pedagogia**. 2012. p. 48-66. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2012.
- DOMINGUES, Petrônio José. **“Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos”**. Tempo (UFF), vol. 23, 2007.
- PINTO, Celi Regina Jardim. **Feminismo, História e poder**. Revista de Sociologia e Política (UFPR. Impresso), v. 18, p. 15-23, 2010.
- HALL, Stuart. **Quem precisa de identidade?** In: SILVA, Tomaz Tadeu. (Org.). *Identidade e diferença – a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 103-133.
- Moreira, Núbia Regina. **O feminismo negro brasileiro: um estudo do movimento de mulheres negras no Rio de Janeiro e São Paulo**. 2007. [s. n.]. (Mestre em Sociologia) - Departamento de Sociologia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas – (UNICAMP), São Paulo, 2007.
- Mulher Negra**. Cadernos Geledés - Instituto da Mulher Negra (Programa de Comunicação). São Paulo, 1993. Relançamento da coleção esgotada dos Cadernos Geledés, 2011.
- DOMINGUES, Petrônio José ou DOMINGUES, Petrônio. **Movimento negro: história, tendências e dilemas contemporâneos**. Revista de História (UFES), v. 21, p. 101-124, 2008.
- Constituição da República Federativa do Brasil**: texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações adotadas pelas Emendas Constitucionais nos 1/1992 a 68/2011, pelo Decreto Legislativo nº 186/2008 e pelas Emendas Constitucionais de Revisão nos 1 a 6/1994. – 35. ed. – Brasília : Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2012. 454 p. – (Série textos básicos; n. 67).
- Etnodesenvolvimento quilombola no governo Lula/ Aline Ferreira da Silva**. – São Cristóvão: Editora UFS, p. 89-122, 2014.
- BRASIL. **Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afrobrasileira e africana**. Brasília, 2009.
- Del Priore, Mary, 1952-**Conversas e histórias de mulher / Mary del Priore**. - 1. ed. - São Paulo : Planeta, 2013. 312 p.

Orientações Curriculares: expectativas de aprendizagem para a educação étnico-racial na educação infantil, ensino fundamental e médio / Secretaria Municipal de Educação – São Paulo: SME / DOT, 2008.

HALBWACHS, Maurice. **Memória individual e memória coletiva**. In.:_____ A Memória Coletiva. São Paulo: Centauro, 2003, p. 113-156.

Programa Ética e Cidadania: **construindo valores na escola e na sociedade : relações étnico-raciais e de gênero** / organização FAFE – Fundação de Apoio à Faculdade de Educação (USP) , equipe de elaboração Ulisses F. Araújo... [et al.]. –Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007. 4 v.

MARTINS, Roseli Figueiredo. **Identidade de meninas negras: o mundo do faz de contas**. 2006. p. 26-32 (Mestre em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Ciências e Tecnologia (UNESP), ed, 2006.

Gomes, Nilma Lino. **Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra**. -2. Ed. – Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

CRISPINIANO, M.N; QUEIROZ, M.H.T. **Posturas e interfaces do nosso cotidiano: feminismo, igualdade e reconhecimento**. XI Colóquio Nacional Representações de Gênero e Sexualidades. 2015.

Revista Claudia Nº 2 Ano 1 Novembro De 1961.

PORTILHO, R. S. M. . **40 anos depois: uma análise de 1968 nas páginas de Claudia**. In: VI Congresso Nacional de História da Mídia, 2008, Niterói. Anais do VI Congresso nacional de história da mídia, 2008. p. 1-14.

Revista Claudia Nº 12 Ano 54 Dezembro De 2015

Braga, Amanda. **Retratos em preto e branco: discursos, corpos e imagens em uma história da beleza negra no Brasil** / Amanda Braga.-- João Pessoa, 2013.

Revista Playboy de janeiro de 1979

BARTH, Fredrik; **Grupos étnicos e suas fronteiras**. In: poutignat, Philippe. Teorias da Etnicidade. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1988.

Revista Conceito AV nº 19. Salvador, Bahia. Brasil

SITES CONSULTADOS

<http://www.geledes.org.br/>

<https://www.youtube.com/user/ongfabricadeimagens/about>

<http://www.seppir.gov.br/>

<http://blogueirasnegras.org>

<http://produto.mercadolivre.com.br/MLB-684600525-revista-claudia-n-2-ano-1-novembro-de-1961- JM>

<http://www.afreaka.com.br/notas/victoria-santa-cruz-forca-de-uma-voz-afro-peruana>

<https://mondomoda.org/2014/11/09/lupita-nyongo-na-campanha-da-lancome/>

<http://www.turbante.se>

<http://andreavelame.com.br/revistas/conceito-av-19>